

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

MARISTELA FELIX DOS SANTOS

SID, O CIENTISTA: QUAL PEDAGOGIA CULTURAL PROMOVE?

SÃO CRISTÓVÃO

2016

MARISTELA FELIX DOS SANTOS

SID, O CIENTISTA: QUAL PEDAGOGIA CULTURAL PROMOVE?

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. José Mário Aleluia Oliveira

SÃO CRISTÓVÃO

2016

MARISTELA FELIX DOS SANTOS

SID, O CIENTISTA: QUAL PEDAGOGIA CULTURAL PROMOVE?

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr José Mário Aleluia Oliveira – Orientador

Universidade Federal de Sergipe – Departamento de Educação

Profa. Dra. Tacyana Karla Gomes Ramos

Universidade Federal de Sergipe – Departamento de Educação

Prof. Dr. Antônio Vital Menezes de Souza

Universidade Federal de Sergipe – Departamento de Educação

SÃO CRISTÓVÃO
2016

A educação é o modo como as pessoas, as instituições e a sociedade *respondem* à chegada dos que nascem. A educação é a forma como o mundo recebe os que nascem. Jorge Larrosa (LARROSA, 1998, p. 73).

RESUMO

Esta monografia tem por objetivo analisar modos de ser e estar na escola veiculados em seis episódios do produto cultural *Sid, o cientista*. Abordamos, portanto, pedagogias culturais promovidas por este desenho animado. Estudos sobre essa temática são importantes para compreendermos a força pedagógica que os processos informais e não formais de educação desenvolvidos por meio da cultura midiática têm no aprendizado e na formação da subjetividade das crianças. A metodologia aplicada nesta pesquisa foi a Etnografia de tela e os procedimentos consistiram em seleção, visualização, registro em diário de campo, descrição detalhada e análise discursiva dos seis episódios deste produto cultural. Nossas discussões estão embasadas em autores contemporâneos cujas ideias enfocam a multiculturalidade, dentre os quais destacamos Hall (1997), Canclini (1999), Silva (2000; 2013), Santaella (2003), Rial (1995) e Rojo (2013). Os resultados obtidos nesta pesquisa demonstram que o desenho animado *Sid, o cientista*, além de entreter as crianças, também dissemina entre elas pedagogias culturais, ou seja, valores e comportamentos culturais, concepções de escola e de aprendizagem, formas de ser pai, mãe, educador/a e, principalmente, de ser criança.

Palavras-chave: Pedagogia cultural. Escola. *Sid, o cientista*. Criança.

RESUMEN

Esta monografía tiene por objetivo analizar modos de ser y estar en la escuela traídos en seis episodios del producto cultural *Sid, el niño científico*. Planteamos, por tanto, pedagogías culturales promovidas por este dibujo animado. Estudios sobre esa temática son importantes para que comprendamos la fuerza pedagógica que los procesos informales y no formales de educación desarrollados a través de culturas midiáticas tienen en el aprendizaje y en la formación de la subjetividad de los niños. La metodología aplicada en esta investigación fue la Etnografía de pantalla y los procedimientos consistieron en selección, visualización, registro en diario de campo, descripción detallada y análisis discursivo de los seis episodios de este producto cultural. Nuestras discusiones están basadas en autores contemporáneos cuyas ideas enfocan la multiculturalidad, dentre los cuales destacamos Hall (1997), Canclini (2006), Silva (2000; 2013), Santaella (2003), Rial (1995) y Rojo (2013). Los resultados obtenidos en esta investigación demuestran que el dibujo animado *Sid, el niño científico*, además de entretener a los niños, también disemina entre ellas pedagogías culturales, es decir, valores y comportamientos culturales, concepciones de escuela y de aprendizaje, modos de ser padre, madre, educador/a y, principalmente, de ser un niño.

Palabras clave: Pedagogía cultural. Escuela. *Sid, el niño científico*. Niño.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Personagem principal, Sid	28
Figura 2 - Sid, Mot, Alice e Zack.....	28
Figura 3 - Sid e a Vovó.....	28
Figura 4 - May, Gabriela e Geraldo.....	29
Figura 5 - A professora Susie.....	29
Figura 6 - O olho de Sid ampliado na lupa.....	32
Figura 7- Cenário do quarto de Sid.....	32
Figura 8 - Cenário da cozinha da casa de Sid.....	33
Figura 9 -Visão externa da escola de Sid.....	34
Figura 10 - Pátio da escola de Sid.....	34
Figura 11- Susie e as crianças na roda.....	36
Figura 12 - Cenário do Superlaboratório.....	38
Figura 13 - O cenário do Superlaboratório e o da cena real.....	39
Figura 14 - Cena de abertura do episódio.....	61
Figura 15 - Imagem mostrada por Susie.....	61
Figura 16 - May surpresa com a imagem.....	61
Figura 17- Marcela sorrindo.....	64
Figura 18 - Os dentes careados de Marcela.....	64
Figura 19 - A escova e pasta tristes.....	64
Figura 20 - Boca com dentes perfeitos.....	66
Figura 21 - Símbolo do ‘não’.....	66
Figura 22 - Genviva com dentes caindo.....	66

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
SEÇÃO I – INTERFACES ENTRE CULTURA, CURRÍCULO E PEDAGOGIA CULTURAL.....	14
1.1 Concepções e atuação da cultura.....	14
1.2 Implicações da cultura nos currículos.....	15
1.3 Pedagogias culturais: processos educativos extraescolares.....	17
SEÇÃO II – PRODUTOS CULTURAIS: MEIOS DE PRODUÇÃO E POSSÍVEIS EFEITOS NA RECEPÇÃO.....	19
2.1 Produtos culturais: conceito, produção e circulação.....	19
2.2 Produtos culturais audiovisuais: entreter educando.....	22
2.3 Produtos culturais audiovisuais e os multiletramentos.....	24
SEÇÃO III – SID, O CIENTISTA: PEDAGOGIAS CULTURAIS EM PROCESSOS EDUCATIVOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO.....	26
3.1 Contextualização do desenho animado.....	26
3.1.1 Caracterização dos personagens.....	28
3.2 Descrição e análise do conteúdo dos episódios.....	30
3.2.1 Episódio - Pulmões: organização do ambiente escolar.....	31
3.2.2 Episódio - Estômago: uma proposta de currículo escolar.....	40
3.2.3 Episódio - Alimentação saudável: ser professor/a na escola ideal.....	47
3.2.4 Episódio - Exercícios: representação da família.....	50
3.2.5 Episódio - Lavar as mãos: modos de ser criança.....	55
3.2.6 Episódio - Cuidando dos dentes: o poder persuasivo da linguagem audiovisual.....	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS.....	70

INTRODUÇÃO

A infância é conceito construído histórico e socialmente de acordo com os valores de cada época. Analisando a construção social desse conceito, Ariès (1978) observa que na Antiguidade esta fase do desenvolvimento humano não tinha uma designação específica; já durante a Idade Média, as crianças eram tratadas como adultos a partir dos sete anos e somente na Idade Moderna, elas passaram a ser vistas como ser social.

A noção de infância, portanto, vem sofrendo modificações ao longo dos séculos. Com essa transformação surgiram modos de representações da criança. Segundo Cohn (2005) as crianças ora são vistas como seres inocentes, que precisam de proteção, ora como pequenos demônios, que devem ser domésticos. Ambas são visões reducionistas que atingem as questões implícitas no ‘ser criança’, principalmente na contemporaneidade, na qual os sujeitos se constroem através de interações culturais. Por esta razão, a infância passou a ser tema, embora recentemente, de debates e estudos das ciências antropológica e sociológica, surgindo assim a Antropologia da Criança e a Sociologia da Infância.

Ao discutir as dicotomias que perpassam a concepção de infância na Sociologia da Infância, Prout (2010) mostra que, primeiramente, as crianças eram vistas como parte da estrutura social, sendo entendidas, neste caso, como seres padronizados. Depois, a infância passou a representar uma construção social. Nesta outra concepção, não se fala de criança, mas sim de crianças, pois cada local com suas peculiaridades, sua cultura, define o ser criança. Contestando essas dicotomias, o autor propõe que a Sociologia da infância analise as questões relativas às crianças na perspectiva ator-rede, na qual “novas formas de infâncias aparecem quando se criam novos espaços de conexões em redes, por exemplo, entre crianças e tecnologias, como a TV e a Internet” (PROUT, 2010, p. 742).

Os estudos antropológicos, desenvolvidos a partir da década de 1960 têm debatido não apenas as representações sociais atribuídos à infância, mas também os papéis atribuídos a esta na sociedade. A discussão proposta pela Antropologia da Criança considera a criança como um sujeito atuante nas relações sociais e culturais. Em outras palavras, esta ciência coaduna com última posição proposta por Prout (2010) para estudos na Sociologia da Infância, de que a criança não é um sujeito passivo, ela consume cultura, mas também a produz. Por isso, a Antropologia da Criança propõe que se investigue não somente como a cultura é transmitida através dos artefatos culturais, mas também como a criança atribui significações ao mundo à sua volta, isto é, cria sentidos para esses artefatos (COHN, 2005).

Somado a isso, a organização e a regulação da cultura pela indústria cultural têm uma forte influência tanto na educação da criança, quanto na produção de discursos que interferem na formação subjetividades. Tal influência cresceu significativamente com o desenvolvimento das novas tecnologias, que, ao transformarem a cultura, deslocaram os espaços de aprendizagens das crianças. Este novo cenário associa conhecimento e entretenimento para educar os sujeitos, que já não aprendem apenas lendo os livros impressos e nos bancos escolares, mas assistindo à TV, utilizando computadores (CANCLINI, 2008), consumindo uma peça de vestuário ou interagindo com um brinquedo ou com um material escolar. Em todos esses processos, é possível identificar pedagogias culturais que colaboram para a constituição de subjetividades infantis. Seguindo essa perspectiva, já não falamos em uma infância ou uma forma de ser do sujeito infantil, mas em papéis atribuídos a ele e em representações do seu universo, que perpassam ações educadoras desenvolvidas em contextos de aprendizagem extraescolares.

Assim, a formação da criança já não está restrita ao espaço escolar, aos processos formais; outros meios e outros espaços informais e não-formais também têm desempenhado esse papel. De acordo com Canclini (2008, p. 24), “mesmo a educação formal mais aberta à incorporação de meios audiovisuais e informáticos oferece só uma parte dos conhecimentos e ocupa parcialmente as horas de aprendizado”. Diante disso, é de suma importância analisar os processos de educabilidade com os quais as crianças estão em contato constante em ambientes extraescolares, questionando o que e como elas aprendem em tais ambientes.

Alguns percursos podem ser trilhados numa investigação dessa natureza. Um meio muito promissor de se compreender como isso acontece é investigando interação das crianças com os produtos culturais infantis. Esses produtos estão disponíveis no mercado em diferentes suportes e formas de materialização, desde mídias digitais, desenhos animados para televisão, vestuários e materiais escolares. São consumidos pelas crianças e, sobretudo, promovem nelas processos pedagógicos culturais de educação, que por sua vez, terminam por serem educadas e influenciadas em seus modos de ser por tais produtos.

Dentro dessa diversidade de artefatos culturais destinados ao público infantil, ressaltamos os produtos midiáticos. Eles são produzidos pela indústria cultural com o objetivo não só de entreter seu público alvo, mas também educá-lo, imprimindo nele determinada subjetividade. Analisando a ação da cultura midiática na educação das crianças, Giroux (2003, p. 128) apresenta o seguinte argumento:

O que está em questão para os pais, educadores e outras pessoas, é a maneira como a cultura, particularmente a cultura da mídia, tornou-se uma força educacional substancial, senão a principal, na regulação de significados, de valores e de gostos, que estabelecem as normas e as convenções que oferecem e legitimam determinadas posições do sujeito.

O debate acerca dessa ação pedagógica da cultura das mídias é muito relevante e precisa ser tema de pesquisas em Educação, pois para além de aspectos positivos e negativos de tal ação, é incontestável que por meio dessa cultura a que está exposta, a criança sempre aprende. Embora já existam pesquisas que abordam a ação educativa dos produtos culturais infantis midiáticos em espaços extraescolares, faz-se necessário o desenvolvimento de mais estudos que analisem a influência de produtos da mídia em processos de educação informal e não-formal e na construção de subjetividades das crianças. Estudos com esse foco também são importantes na medida em que podem contribuir para a construção de um olhar crítico sobre a criança, situando-a com um sujeito social, ativo, produtor de cultura.

O interesse por esse tema surgiu a partir dessa constatação de que as crianças estão em contato com artefatos culturais que, distantes serem neutros ou meros produtos para entreter, também têm um caráter profundamente formador. Eles educam, contribuem para a formação de subjetividades infantis, conforme já observamos anteriormente. É preciso, pois, conhecê-los e analisá-los como um meio de compreensão do universo da criança, da interferência da cultura neste universo e, principalmente, das ações educadoras informais e não-formais com as quais essas crianças interagem fora do espaço escolar.

O objetivo deste trabalho de conclusão de curso, portanto, é analisar os modos de ser e estar na escola veiculados em seis episódios do produto cultural *Sid, o cientista*, uma animação infantil que começou a ser veiculada no Brasil em 2009 pela *Discovery Kids*. Para tanto, desenvolveremos nossas análises a partir das seguintes perguntas: quais possíveis imagens de professor, aluno, escola, criança e família são apresentadas no programa televisivo *Sid, o cientista*? Quais aprendizados circulam no programa? Quais são os papéis atribuídos às crianças e aos alunos nesse produto cultural? Que modos de ser podem ser desenvolvidas na interação criança/produto cultural infantil *Sid, o cientista*?

Partindo dessas questões, a análise do objeto de pesquisa – o produto cultural infantil *Sid, o cientista* - foi realizada a partir da Etnografia de tela. Essa metodologia permite que se faça uma descrição detalhada do objeto em análise. Geertz (1989, p. 20) explica que fazer etnografia consiste em

[...] tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e

comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado.

Por conseguinte, a Etnografia de tela, como o próprio nome indica, propõe essa leitura analítica do texto audiovisual. Para tanto, ela mobiliza alguns procedimentos próprios dos estudos etnográficos e outros advindos da análise filmica. Ainda de acordo com Geertz (1998), aqueles abrangem o estabelecimento de relações, seleção de interlocutores, transcrição de textos; levantamento de geologias; mapeamento de campos; percepção de comportamentos e sinais da cultura e registro em diário de campo. Estes incluem o estudo de “movimentos de câmera, planos, construção de cenários, personagens, diálogos, elementos estéticos como a luz e a cor, etc” (AYRES; RIAL, 2014, p. 3).

Rial (2004) acrescenta que a Etnografia de tela também adota procedimentos da Análise do Discurso nas descrições interpretativas. Entretanto, sempre avança além do texto, do contexto e das redes complexas das quais os textos surgem, para, assim, buscar a compreensão tanto das relações sociais presentes nas mídias quanto os mecanismos de atuação destas na construção de subjetividades, valores e opiniões. E podemos incluir as ações educativas com as quais as crianças têm contato ao interagirem com produtos da mídia.

A Etnografia de tela se expandiu com o avanço das tecnologias e com o desenvolvimento dos Estudos Culturais e hoje tem sido utilizada em procedimentos metodológicos de vários estudos acerca de mídias audiovisuais contemporâneas. Dentre eles destacamos a pesquisa de Mônego (2010), que analisa as possíveis representações dos fiéis em programa da Igreja Universal do Reino de Deus; a de Melo (2011), na qual a autora discute como a educação é representada no “Jornal Nacional” e a de Jesus (2014) que debate representações do professor na novela televisiva “Carrossel”.

Com referência às contribuições dessa metodologia para o desenvolvimento de pesquisas, Ginsburg (1999) considera que leitura densa propiciada pela a Etnografia de tela favorece um olhar crítico sobre a mediação da cultura e das relações sociais pelos produtos midiáticos. Rial (2004, p. 30) enfatiza a capacidade dessa metodologia para desvelar os espaços sociais da televisão, propiciando ao pesquisador uma compreensão profunda do objeto analisado. Essa é, portanto, uma metodologia de pesquisa bastante apropriada para analisarmos as relações entre mídia, cultura e criança enquanto sujeito social.

O *copus* de estudo é constituído por seis episódios audiovisuais desse desenho infantil, que estão disponíveis no *Youtube*, um canal de armazenamento e divulgação de vídeos, sitiado na internet. *Sid, o cientista* é um produto cultural de mercado que, além de destinar-se ao entretenimento das crianças, também é educativo. Esse produto constitui uma narrativa

transmídia cuja atuação abrange diversos contextos culturais e públicos infantis. Entretanto, nesta pesquisa focalizamos apenas os produtos audiovisuais.

As etapas da pesquisa compreenderam levantamento bibliográfico, no qual ampliamos as discussões teóricas sobre a temática em foco, comparando, analisando e confrontando ideias de pesquisadores e pensadores circunscritos no âmbito dos Estudos Culturais; seleção dos episódios no site *Youtube*; descrição e análise de cada episódio selecionado, a partir da Etnografia de tela e, por fim, discussão dos resultados obtidos na análise.

Este debate acerca de produtos culturais midiáticos e infância está embasado em postulados teóricos dos Estudos Culturais (HALL, 1997), que têm apresentado importantes discussões sobre as questões relacionadas à cultura, compreendida nesse campo de estudos como as diversas práticas e artefatos culturais produtores de significados e sentidos em circulação na sociedade contemporânea. Essa linha teórica surgiu na Inglaterra na década de 60. Seus fundadores são: Richard Hoggart (1957); Raymond Williams (1958) e E. P. Thompson (1963). Contudo, as discussões teóricas que impulsionaram a expansão da teoria cultural, tal como discutimos nesta pesquisa, ocorreu com os estudos de Stuart Hall, que direcionaram o enfoque dos Estudos Culturais para as ações das culturas populares e os meios de comunicação de massa na sociedade contemporânea.

Baseados nesses aspectos, os Estudos Culturais propõem a investigação transversal das diversidades interculturais e das transformações sociais desencadeadas pela cultura, bem como dos sistemas simbólicos que a permeia. Essa transversalidade permeia os estudos desenvolvidos por Canclini, principal representante dos Estudos Culturais na América Latina. Esse pensador propõe a inter-relação entre cultura, meios de comunicação, discurso, consumo e globalização nas análises da sociedade contemporânea.

Dessa maneira, este texto é composto, além da introdução e das considerações finais, de três seções. Na primeira, discutimos as relações entre a cultura, o currículo e as pedagogias culturais dos processos informais e não formais de ensino; na segunda seção, o debate focaliza os meios de produção e a circulação dos produtos culturais audiovisuais, bem como os significados e os multiletramentos gerados no consumo desses bens da cultura e, na terceira seção, apresentamos a análise e a discussão do produto cultural *Sid, o cientista*.

SEÇÃO I – INTERFACES ENTRE CULTURA, CURRÍCULO E PEDAGOGIAS CULTURAIS

1.1 Concepções e atuação da cultura

Pensar qualquer aspecto da educação das crianças a partir do crivo da cultura implica necessariamente definirmos o que estamos compreendendo como cultura, já que este conceito é polissêmico e esta polissemia resulta em diferentes perspectivas de projeto e práticas educativos. Cultura deriva-se da palavra latina cultura e em seu sentido original significava ato de cultivar. (SANTAELLA, 2003). No decorrer do tempo, esse vocábulo passou por inúmeros sentidos conotativos que reportam a bens, conhecimentos e valores sociais de um povo. Nessa gama de conceitos para cultura, Santaella (2003) aponta duas definições principais, uma mais restrita e outra mais ampla.

Na definição restrita, o termo cultura é empregado para designar a “organização simbólica de um grupo, da transmissão dessa organização e do conjunto de valores”. (SANTAELLA, 2003 p. 32). Esse conceito baseia-se, ainda, na representação desse grupo, no que diz respeito a si mesmo, a suas relações com outros grupos e com o universo natural. No conceito mais amplo, cultura “se refere aos costumes, às crenças, à língua, às ideias, aos gostos e conhecimentos técnico, que dão suporte à organização do ambiente total humano [...]” (SANTAELLA, 2003 p. 32). Desse último conceito surgiu a dicotomia cultura erudita e cultura popular, com a valorização daquela em detrimento desta. Uma concepção que não se sustentou diante das atuais reflexões sobre cultura. Se no pensamento convencional, a cultura era vista como “um conjunto inerte e estático de valores e conhecimentos a serem transmitidos de forma não problemática a uma nova geração” (MOREIRA; SILVA, 1999, p. 26), a pós-modernidade passa a conceituá-la de modo mais amplo, na perspectiva da diversidade e heterogeneidade.

Nesse sentido, os Estudos Culturais defendem que a cultura engloba não apenas saberes ou produções estéticas e intelectuais, mas “todas as redes de significação em que os grupos se movem, aí incluída uma vasta gama de artefatos, ritos, códigos, hábitos, histórias, costumes, instituições e discursos” (SILVEIRA, 2008, p. 8). Tudo isso constitui artefatos produtivos que circulam em “arenas culturais”. Essas arenas compõem espaços de produção de sentidos, negociação de significados e estabelecimento de hierarquia (COSTA ET AL, 2003) e também de educação das crianças, de constituição dos sujeitos culturais. O conceito

de “arenas culturais” ressalta o fato de que a cultura não é transmitida, passivamente, para determinados grupos, pois eles a recria, dando-lhes outros sentidos.

Ainda com relação à atuação da cultura e dos seus sistemas simbólicos, Hall (1997) afirma que a multiplicação de tais sistemas desencadeia o surgimento de identidades e representações de sujeitos. Em outras palavras, para este teórico, os significados disseminados pela cultura regulam os sujeitos, seus comportamentos e suas práticas. Isso pode ser observado na sociedade contemporânea, a qual é marcada pelos ritos da cultura, não apenas com relação a crenças e costumes, mas também por jeitos de ser e ver os sujeitos sociais, isto é, representações dos sujeitos que constituem formas de subjetividades. Discutindo tais representações, Klein (2010, p. 183) afirma que estas

não são naturais ou definitivas, nem tampouco fixas, estáveis ou determinadas. Elas constituem campos de lutas nos quais os significados são negociados, construídos, impostos; elas estão envolvidas em jogos de poder e seus efeitos estão implicados na produção de identidades [...].

Geertz (1989) concorda com esse ponto de vista, ao afirmar que a prática cultural engloba em seu interior um conjunto de códigos e combinações nos quais as mediações se realizam. Tais mediações fundamentam-se em relações de sentido implícitas e explícitas. O reconhecimento do poder simbólico da cultura nos leva a refletir sobre efeitos que isso tem para a constituição dos sujeitos, especialmente, dos sujeitos infantis.

Segundo Guatarri (1990), a padronização cultural confere aos indivíduos uma subjetividade capitalista, aprisiona-os no sistema consumista, que destrói a autonomia criativa e a opinião crítica, visando o impedimento da formação de subjetividades singulares. Outro efeito que pode ser observado nesses sujeitos é substituição de características da cultura local por aspectos da cultura global. Nas palavras de Canclini (1999), as identidades pós-modernas ao se orientarem pela ótica da produção industrial cultural, bem como por sua comunicação tecnológica e pelo consumo de bens, afastaram-se de interações locais e se tornaram transterritoriais e multilinguísticas.

1.2 Implicações da cultura nos currículos

A análise de processos de aprendizagem a partir da perspectiva da cultura implica pensarmos também na estreita relação que existe entre cultura e currículo. Um debate que nos faz questionar de que maneira a cultura atua nos currículos formais e informais? De que modo

estes incorporam e disseminam os significados culturais? Quais são as consequências da relação cultura/currículo na constituição dos sujeitos? Entre outros questionamentos.

De acordo com Moreira e Silva (1999, p. 26), o currículo é um meio institucionalizado e político de transmissão de cultura na sociedade. Todavia, os autores ressaltam que nessa transmissão, o currículo constitui “um terreno de produção e criação simbólica cultural”. Isso significa que ele não funciona como um simples transmissor da cultura, mas atua como um elemento constituidor do processo de “criação de sentidos, de significações, de sujeitos” (p. 27). Essa criação, distante de ser passiva, ocorre em um campo de disputas de imposição e contestação de significados.

As implicações dessa inter-relação cultura/currículo têm efeitos pedagógicos e sociais. Pedagogicamente, a seleção dos conteúdos curriculares baseia-se na concepção de cultura que está por trás dos sistemas de educação, a cultura de um determinado grupo, que têm seus bens culturais valorizados. Assim, se o que prevalecer for o conceito de cultura erudita, os significados, os saberes e as suas representações constituem os conhecimentos a serem ensinados e aprendidos na escola. Por isso, concordamos o argumento de Moreira e Candau (2007), de que o currículo é um campo de imposição de um conceito e de conteúdos de uma cultura em particular. A consequência disso é o apagamento de culturas populares e dos interesses locais, das diferenças identitárias dos estudantes.

Silva (2013) defende a ideia de que a seleção de conteúdos curriculares, ou seja, o que as crianças e jovens devem aprender, traz implícita uma questão mais complexa: aquilo que ela e eles devem se tornar. Nesse sentido, ele argumenta que

nas discussões cotidianas, quando pensamos em currículo, pensamos apenas conhecimentos, esquecendo-nos de que o conhecimento que constitui o currículo está inextricavelmente, centralmente, vitalmente, envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos, na nossa identidade, na nossa subjetividade (SILVA, 2013, p. 15).

Por esse viés, socialmente, o currículo funciona como um dispositivo para imprimir subjetividades desejadas, tendo em vista que os projetos educacionais organiza seu programa curricular de acordo com o tipo de sujeito que pretende formar. Ao atuar na constituição de identidades individuais e sociais, o currículo colabora para a manutenção de certos sistemas sociais e de relações de poder existentes (MOREIRA; SILVA, 1999). Pensar essas relações é fundamental para tornar a escola menos excludente, mais democrática, respeitando pluralidade de interesses e de subjetividades que circulam na sala de aula.

Paralelo ao currículo formal, existem práticas sociais e interações comunicativas extraescolares, que também terminam por educar as crianças. Moreira e Candau (2007, p.31) reconhecem essa ação dos processos educativos informais, ao afirmarem que “os currículos vivenciados por crianças e adolescentes em outros espaços socioeducativos (shopping, clubes, associações, igrejas, meio de comunicação, grupos informais de convivência) têm influência significativa junto a esses sujeitos”. Acrescentamos ao argumento dos autores o fato de que alguns desses currículos educam nossas crianças por meios de práticas culturais diferenciados daquele que acontecem na escola. O currículo escolar tradicional é estático, disciplinar, centrado na cultural dominante (SILVA, 2013), enquanto a maioria dos currículos informais tende a ser dinâmica, não disciplinar e centrada na heterogeneidade.

1.3. Pedagogias culturais: processos educativos extraescolares

Diante dessa constatação, torna-se importante também compreendermos processos e instrumentos informais por meio dos quais os significados da cultura são disseminados na sociedade. No enfoque dos Estudos Culturais, esses significados são apreendidos pelos sujeitos a partir de pedagogias culturais, isto é, “diferentes artefatos que ensinam e que produzem saberes” (ANDRADE, 2012, p. 13). Nessa mesma linha, Silva (2000, p. 89), define pedagogia cultural como “qualquer instituição ou dispositivo cultural que, tal como a escola, esteja envolvida [...] no processamento de transmissão de atitudes e de valores.” A atuação das pedagogias culturais, portanto, ultrapassa o espaço escolar, os processos de educação formais, pois acontecem a partir de práticas, convenções e artefatos culturais, presentes em espaços informais e não formais de educabilidades, a exemplo de jogos, programas de TV, livros infantis, músicas, centros comunitários, igrejas, etc.

Comentando essa expansão das pedagogias culturais, Giroux (2003, p. 19), afirma que a força pedagógica na qual a cultura se transformou e sua condição educacional abrange diferentes esferas sociais e institucionais. Nesses espaços, ocorrem processos de educação através dos quais as pessoas não só aprendem, mas também se autodefinem e interagem com o mundo social, absorvendo, valores, atitudes, que marcam suas subjetividades.

O alcance das pedagogias culturais, portanto, é mais extenso do que os processos formais de educação, já que elas estão presentes em diferentes espaços e artefatos culturais, conforme citamos anteriormente, atingindo todas as pessoas, sejam crianças, jovens, adultos ou idosos. Em uma visão mais ampla, pode-se afirmar que escola já perdeu a concorrência

para a mídia com relação à função de ensino, pois esta se mostra mais sedutora e ocupa mais tempo na formação dos sujeitos (SERRES, 2013).

Vale ressaltar que ação das pedagogias culturais na sociedade contemporânea não acontece de forma passiva. Cada pessoa interage de um modo diferente com os produtos da cultura, criando significados para essas pedagogias e sendo subjetivados de formas variadas por estas. E, embora as pedagogias culturais atinjam tanto os adultos quanto as crianças conforme ressaltamos anteriormente, concordamos com opinião de Andrade (2012), de que, os olhares analíticos de pesquisadores da Educação para tais pedagogias devem ter as crianças como referência, tendo em vista que elas são sujeitos em processos de formação. Nesse sentido, a autora observa que

as crianças que frequentam os bancos escolares contemporâneos carregam consigo as marcas que a cultura do consumo oferecem. Fugir disso tem se mostrado cada vez mais difícil, pois as crianças aprendem pela televisão, pela internet, pela revista ou pelo jornal o que está “na moda” e o que “não está” (ANDRADE, 2012, p. 19).

Assim, o foco desta pesquisa compreende justamente essas pedagogias que acontecem além dos muros escolares, em os processos de educação informais, sobretudo, aquelas subjacentes aos produtos culturais da mídia destinados à infância.

SEÇÃO II – PRODUTOS CULTURAIS: MEIOS DE PRODUÇÃO E POSSÍVEIS EFEITOS NA RECEPÇÃO

2.1 Produtos culturais: conceito, produção e circulação

A discussão sobre a interferência da cultura na aprendizagem das crianças nos leva ao postulado antropológico de que o homem é um sujeito essencialmente cultural. Um sujeito que produz e consome produtos culturais. Aqui, cabe-nos questionar o que distingue um produto cultural de um produto comum? Segundo Guimarães (2006), enquanto o valor deste esgota-se com o consumo, o daquele é reproduzido no tempo. Para Harvey (2004), a distinção é mais complexa, pois o que diferencia um produto cultural dos demais é o fato de ele apresentar em seu escopo um forte apelo simbólico. Ideia compartilhada por Holt (1995 apud SILVA, 2008, p. 32), ao afirmar que esse tipo de produto é um recipiente de significados a seus consumidores. Esses dois últimos pontos de vistas contemplam o caráter simbólico da cultural.

Silveira et al (2007) referem-se aos produtos culturais, destacando sua relação com necessidades materiais, culturais e sua utilidade para propiciar informações e entretenimento. Tal conceito nos parece um pouco restrito, se considerarmos que outros bens de consumo também podem ser vistos como um produto cultural, a exemplo de peças de vestuários e materiais escolares. Além disso, por serem disseminadores de pedagogias culturais, a função dos bens produzidos pela cultura não se restringe a informar e entreter. Em outras palavras, os significados veiculados por eles interferem tanto nas relações sociais quanto na formação dos sujeitos.

Por esta razão, Dubois (1998 apud SILVA, 2008, p. 43) ressalta que um produto cultural não constitui somente uma entidade física destinada a uma determinada função, mas também é um artefato que se insere “nos hábitos de vida e ao qual se ligam múltiplas associações simbólicas”. Logo, além de informar ou entreter, os produtos culturais também transmitem valores sociais, comportamentos e subjetividades. É nesse sentido que Costa et al (2003, p. 57) argumentam que

somos também educados por imagens, filmes, textos escritos, pela propaganda, pelas charges, pelos jornais e pela televisão, seja onde for que estes artefatos se exponham. Particulares visões de mundo, de mundo, de gênero, de sexualidade, de cidadania entram em nossas vidas diariamente.

Uma das características dos produtos culturais, portanto, é seu papel altamente educativo. Que relevância isso tem para a escola? Certamente, ao colocarmos nossas crianças para ouvirem uma música, assistirem a um filme ou para interagirem com um desenho animado infantil, não refletimos sobre as consequências que essas atividades têm sobre nós, sobre elas. Porém, na função de educadores comprometidos com o desenvolvimento de sujeitos críticos e ativos não podemos deixar de propor um debate profundo sobre a ação educativa desses produtos dentro e fora do ambiente escolar.

A análise da interferência dos produtos culturais na formação do sujeito implica pensarmos também na maneira como eles são produzidos e distribuídos pela indústria cultural. Esta explora bens culturais para informar, entreter, faz circular a ideologia dominante, bem como, outras diversificadas ideologias. Para Giroux (2003, p. 18) “as indústrias que produzem a cultura ocupam um lugar único e poderoso quando moldam a maneira como as pessoas vivem, dão significado para suas vidas [...]”. Isto é, essas indústrias produzem bens com a intenção de fazer as pessoas seguirem ‘determinados’ comportamentos, discursos legitimados e relações sociais. Para tanto, “mobilizam paixões” (GIROUX, 2003, p. 19) e incutem pedagogias nestes bens, que, por vezes, passam despercebidos pelos seus consumidores, mas não deixam de interferir em sua formação.

A indústria cultural se subdivide vários ramos: indústria de filmes, televisão, de propagandas, jornais, revistas, vídeos e outras mídias e tecnologias, brinquedos, etc. Muitos destes ramos focalizam a comunicação de massa. Através da vasta quantidade de informações e entretenimento que oferecem, os meios de comunicação de massa moldam os significados da cultura e as práticas sociais (HALL, 1992 apud GIROUX, 2003, p. 128), com o objetivo de transmitir discursos e doutrinar seus consumidores.

Canclini (1999, p. 61/62), por sua vez, afirma que mercado de bens culturais está organizado em quatro circuitos socioculturais. No primeiro circuito, estão incluídas as manifestações artísticas em senso restrito, as artes visuais, música, literatura, artes cênicas, arquitetura, arquitetura e monumentos; no segundo circuito constitui histórico-territorial manifestado principalmente no patrimônio histórico e na cultura popular tradicional; o terceiro refere-se à cultura da mídia, representada pelos grandes espetáculos transmitidos pelos meios de comunicação de massa (rádio, televisão, cinema, vídeo) e, o último compõe-se pelos sistemas de informação e comunicação restritos (satélites, computadores e celulares).

Dentre esses quatro circuitos, o objeto de estudo desta pesquisa insere-se no terceiro, já que é um produto cultural televisivo que atravessa outras mídias e pode ser revisto e ressignificado em outros meios, como, por exemplo, o canal de vídeo *Youtube*. Este pode ser

definido como tal porque, embora esteja sitiado na *Internet*, hospeda conteúdo digital que não permite a interação autor-telespectador. As crianças apenas assistem aos vídeos, sem interagir diretamente com eles para produzir novos sentidos, como fazem com outros produtos interativos disponíveis na rede. Nesse circuito, “culturas das mídias” e “meios de comunicação de massa” são conceitos importantes para nossas discussões .

Para Jesus (2014), o que caracteriza os meios de comunicação de massa é o fato de estes transmitirem informações e entretenimento produzidos por poucas pessoas, para atingir um grande número de audiências. Mcquail (2003, p. 42) concorda com isso, ao observar que na comunicação de massa, essas “audiências potenciais são vistas como grandes agregados de consumidores mais ou menos anônimos”. O autor acrescenta que a relação entre o emissor e os receptores (as audiências) é assimétrica, ou seja, ocorre de modo unilateral e impessoal, dentro de um distanciamento social e físico.

Com relação ao conteúdo da mensagem veiculada pelos meios de comunicação de massa, Mcquail (2003, p. 42) afirma que este “é tipicamente ‘fabricado’ de forma estandardizada (produção de massas) e reutilizado e repetido de formas idênticas[...]”, a partir de uma relação mercadológica e calculista. Para esse teórico, a mensagem desses meios

é principalmente um produto de um trabalho com um valor de troca no mercado mediático e um valor de uso para o seu destinatário, o consumidor dos media. É essencialmente uma mercadoria e difere a este respeito do conteúdo de outros tipos de relação comunicativa humana.

Assim, a indústria cultural transforma os artefatos da cultura em produtos vendáveis, em cultura de massa, visando o consumo passivo pela maioria da população. Visto por esse viés, tal indústria constituiria um instrumento de reforço das normas sociais e de alienação dos seus consumidores. Nas palavras de Adorno (1995), a televisão, um dos veículos de distribuição da cultura de massa “contribui para divulgar ideologias e dirigir de maneira equivocada a consciência dos espectadores”. Todavia, há aqueles que a defendem e destacam ações positivas da indústria cultural, argumentando que através da interação com a TV, por exemplo, as crianças passam a dominar a linguagem mais rapidamente (COELHO, 1998). O poder pedagógico desta indústria é inegável e devemos compreender como ele atua.

Os processos de educação, portanto, não estão restritos ao espaço escolar. Muitos bens produzidos pela indústria cultural tem desempenhado esse papel na sociedade. Além de educar as crianças fora dos espaços escolares, esses bens culturais também interferem nas práticas de educação formal. Klein (2010, p. 181) compartilha dessa ideia ao afirmar que os “artefatos culturais se inserem nos espaços escolares, somando-se a tantos outros, na

atualidade, interferindo nas práticas docentes e servindo de normativas (exemplos) para as relações entre os diferentes sujeitos da educação”. A análise de processos pedagógicos extraescolares contribui também para a reflexão das práticas de educação formal.

As crianças, enquanto sujeitos sociais, produtoras e consumidoras de cultura, estão interagindo ativamente com os produtos culturais destinados a elas. No enfoque proposto nesta pesquisa, o estudo das narrativas transmídia pode ser um meio muito proveitoso para o pesquisador pensar as interferências desta interação na educação das crianças. Isso porque tais narrativas “[...] são dotadas de significados que transcendem o texto e que dialogam com o contexto cultural” do público ao qual se destina (MASSAROLO; MESQUITA, 2014, p 36). Embora os produtos culturais tenham essa grande importância discutida até aqui, sob diferentes enfoques, Silva (2008) citando Canclini (2006), observa que os estudos voltados para os artefatos culturais midiáticos ainda são incipientes. É necessário, pois, ampliar os debates e pesquisas sobre esse tema, sobretudo, relacionando-o à educação.

2.2 Produtos culturais audiovisuais: entreter educando

A produção audiovisual representa um sistema de significados marcados em sua forma de produção e seu meio de circulação. Produzidos pela indústria cultural e distribuídos pelos meios de comunicação de massa, os produtos culturais audiovisuais televisivos são bens da cultura de massa, a qual apresenta processos de produção e de consumo equidistantes, ou seja, é “essencialmente produzida por poucos e consumida por uma massa que não tem poder de interferir nos produtos simbólicos que consome” (SANTAELLA, 2003, p. 52/53). Ao telespectador da produção audiovisual televisiva ou cinematográfica cabe consumir os discursos e imagens que chegam até ele. Um consumo que parte da ação invasiva som-imagem para a transformação passiva de mentes.

Essa força cultural e política dos produtos audiovisuais na modelagem a visão de mundo das pessoas não é um ato totalmente explícito. Aos significados desses produtos são incorporadas as intencionalidades dos meios de comunicação de massa pelos quais aqueles bens culturais circulam. Assim, embora sejam distribuídos como “objetos de diversão” e entretenimento, os produtos audiovisuais, muitas vezes, atuam como agentes disseminadores de “representações ideológicas dominantes” (HALL, 1984, p. 118). Combinando sons e imagens, filmes, novelas, anúncios publicitários, telejornais, desenhos animados, entre outros, distribuem valores, ideias, desejos, gostos e modelos de comportamentos. Isso acontece de modo sutil, sem a percepção dos sujeitos, conforme observa Hall (1984).

Comparando a atuação da linguagem audiovisual com outras formas de linguagem na educação dos sujeitos, Almeida (2004, p. 8) ratifica essa ação dos produtos culturais audiovisuais ao afirmar que, embora o nosso referencial principal ainda seja o texto escrito, “estamos formando nossa inteligibilidade do mundo a partir das imagens e dos sons das produções do cinema e da televisão”. Em outras palavras, nossas principais fontes de informação e de conhecimento não são mais os livros, a palavra escrita, mas sim sons e imagens carregados de discursos sugeridos para se criar determinada realidade. Sobre o direcionamento que as imagens conferem ao olhar do telespectador, Xavier (2003, p. 33) aponta que,

A sucessão de imagens criada pela montagem produz relações novas a todo instante e somos sempre levados a estabelecer ligações propriamente não existentes na tela. A montagem sugere, nós deduzimos. As significações engendram-se menos por força de isolamentos [...] e mais por força de contextualizações [...]. É sabido que a combinação de imagens cria significados não presentes em cada uma isoladamente.

O jogo de criação de significados a partir do uso da imagem é um dos artifícios utilizado pela indústria cultural dos meios de comunicação de massa para manipular os consumidores de seus produtos culturais. Ao discutir esse aspecto persuasivo, COUTINHO (2006) afirma que linguagem audiovisual é extremamente sedutora, sugerindo por meio das imagens aquilo que deve ser compreendido pelos telespectadores. Um poder sedutor que atinge públicos de todas as faixas etárias. Se os adultos não resistem aos discursos e padrões estéticos da televisão, as crianças são conquistadas pelo uso de cores, movimentos, sons e imagens que formam a magia e o encantamento dos desenhos animados.

Nesse contexto, a produção audiovisual desempenha um importante papel na educação das crianças, tendo em vista que, mesmo antes de irem à escola para serem alfabetizadas na língua escrita, elas já estão interagindo com os audiovisuais, seja por meio de produtos televisivos ou cinematográficos. Com as novas formas de vivências das crianças, em espaços cada vez mais reduzidos, as brincadeiras de ruas foram, aos poucos, sendo substituídas por horas em frente à televisão, que além de entrever esse público infantil, também o educa. Assim, os produtos culturais audiovisuais televisivos, de modo informal, passaram a dividir com a escola a educação da maioria nossas crianças.

Com referência às relações culturais, os produtos culturais audiovisuais têm contribuído para o desenvolvimento do hibridismo cultural, na medida em que funcionam como um canal disseminador de estilos de vida, práticas e costumes culturais dos grandes

centros para as pequenas localidades. Essa globalização cultural realizada pelo consumo desses produtos audiovisuais tende a provocar a homogeneização de comportamentos e gostos dos sujeitos. Consequentemente, surgem novas formas de subjetividades e de identidades que já não representam fielmente os traços das culturas locais (HALL, 1997), o que colaboram para desencadeamento do multiculturalismo, isto é, a cultura local e a global, a popular e a de massa passam a conviver no mesmo contexto social.

2.3 Produtos audiovisuais e multiletramentos

Cabe ressaltar que a multiplicidade de culturas coexiste com outro fenômeno que marca as práticas de comunicativas contemporâneas, a multimodalidade, ou seja, as múltiplas semioses, mídias e tecnologias que constituem os textos contemporâneos (ROJO, 2013). Ainda de acordo com Rojo (2013), para englobar a multiculturalidade e multimodalidade que caracterizam os textos em circulação na sociedade contemporânea globalizada, o “Grupo de Nova Londres” (um grupo de pesquisadores de letramentos de países americanos e europeus) propôs o conceito de multiletramentos.

Os multiletramentos se intensificaram a partir da expansão das tecnologias digitais. As redes virtuais com suas hipermídias e com seus hipertextos aceleram o estreitamento das fronteiras culturais. Todavia, os produtos audiovisuais da cultura de massa, embora não sejam interativos, além de contribuírem para o multiculturalismo, conforme já discutimos, também apresentam múltiplas linguagens. As imagens estáticas e em movimento, a legenda, a fala de personagens e a trilha sonora caracterizam a multiplicidade semiótica desses produtos.

Nesse contexto, os produtos audiovisuais infantis inserem as crianças no contexto dos multiletramentos. O som, as imagens, a animação, entre outros elementos, fazem com que a linguagem dos desenhos animados seja altamente multimodal. O público infantil se apropria desses recursos para compreender os enredos apresentados nesses desenhos. A criança, portanto, antes entrar na escola para ser alfabetizada, já está sendo letrada nas semioses que compõem a linguagem audiovisual.

Para atender à diversidade cultural e linguística nas quais os estudantes estão engajados em seus contextos sociais, o *New London Group* (1996) propõe a *pedagogia dos multiletramentos*. Essa pedagogia apresenta quatro dimensões: *prática contextualizada*, *instrução aberta*, *enquadramento crítico* e *prática transformadora*. De maneira resumida, a prática contextualizada focaliza as experiências socioculturais e afetivas dos estudantes; a instrução aberta refere-se à mediação do professor no processo de aprendizado; o

enquadramento crítico diz respeito à problematização do aprendizado pelo professor e pelos alunos e, por fim, a prática transformadora consiste na reflexão integral do processo, quando se aplica o significado transformado em outros contextos de interesse cultural (CAVALCANTE, 2014).

Ao incorporar essas quatro dimensões da *pedagogia dos multiletramento*, o currículo escolar, por exemplo, pode apresentar a possibilidade de atuar de modo responsivo não somente à multimodalidade, mas também às demandas culturais locais e globais. Por conseguinte, concordamos com a afirmação de Rojo (2009, p. 115) de que é função da escola “potencializar o diálogo multicultural, trazendo para dentro de seus muros não somente a cultura valorizada, dominante, canônica, mas também as culturas locais e populares e a cultura de massa, para torná-la vozes de um diálogo, objetos de estudo e de crítica”. A inclusão das diferenças culturais e dos letramentos cotidianos da criança na educação formal é um fator importante para que o aprendizado escolar seja significativo e transformador.

Entretanto, a multiplicidade de práticas de letramentos e de linguagens por meio das quais os estudantes se comunicam fora do espaço escolar, que abrangem não só letramentos da escrita, mas também da imagem e de outras semioses não têm o devido espaço em sala de aula. A modalidade escrita ainda prevalece nas práticas de ensino. A diversidade cultural promovida, entre outros fatores, por esses produtos culturais também não é reconhecida pelo currículo escolar tradicional. Moran (2007, p. 2) faz essa constatação ao observar que

a imagem mexe com o imediato, com o palpável. A escola desvaloriza a imagem e essas linguagens (expressão polivalente, dramatização, o jogo, a paráfrase, o concreto e a imagem em movimento) como negativas para o conhecimento. Ignora a televisão, o vídeo; exige somente o desenvolvimento da escrita e do raciocínio lógico.

O reconhecimento dos multiletramentos presentes na sociedade contemporânea implica em criar possibilidades para que crianças, desde a fase da alfabetização, desenvolvam diversas habilidades linguagem, que incluem não apenas o domínio de um código escrito, mas também a competência para ler e compreender textos multimodais. O processo educativo da criança precisa contribuir para que ela não se torne uma receptora passiva das imagens e dos seus discursos implícitos presentes.

SEÇÃO III – SID, O CIENTISTA: PEDAGOGIAS CULTURAIS EM PROCESSOS EDUCATIVOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO

3.1 Contextualização do produto cultural *Sid, o cientista*

Sid, o cientista é um desenho animado produzido pela indústria cultural midiática cujo público alvo são crianças em idade pré-escolar. Este produto foi criado, nos Estados Unidos, pela *The Jim Henson Company* e *KCT/Los Angeles*. Seus criadores utilizaram a técnica de captura de movimentos, a qual possibilita que as personagens sejam reproduzidas digitalmente em tempo real, por meio de manipulação de marionetes. A música, a dança e o humor são recursos utilizados na produção do desenho para atrair as crianças.

Nos Estados Unidos, a veiculação desse produto televisivo ocorreu no canal *Discovery Kids*, de primeiro de setembro de 2008 a 25 de março de 2013, período dividido em duas temporadas e com um total de 66 episódios. Cada episódio completo tem duração de vinte dois minutos, não considerando o tempo reservado para os intervalos. No Brasil, a animação começou a ser exibida em 2009 pela TV a cabo *Discovery Kids*. Dois anos depois, em 2011, as crianças brasileiras passaram ter acesso ao desenho por meio da TV Cultura, que o transmitiu até 2014. Nesse canal aberto, a animação era exibida no turno vespertino, no programa “Quintal da cultura”, juntamente com outras atrações, entre as quais estão “Backyardigans”, “Dora, a aventureira”, “Toot & Puddle”, “Cocoricó no Campo”, “Charlie e Lola” e “Escola pra Cachorro”.

Além do Brasil, o produto cultural também foi distribuído para Portugal. Nessa transterritorialidade, houve adaptação não somente no idioma, obviamente, mas também no título do produto, que nos EUA se chamava *Sid the Science Kid*; no Brasil passou a ser *Sid, o cientista* e em Portugal, *Sid ciência*. O sucesso produto cultural televisivo entre as crianças desencadeou a criação de outros artefatos com a marca do pequeno cientista, entre os quais estão coleções de DVDs e de livros infantis. Estes foram lançados no Brasil, pela editora “Fundamentos”, aquelas foram produzidas pela “LOG ON Editora Multimídia”. Foram lançados, ainda, com essa marca álbuns de música, um filme e brinquedos. Embora o produto cultural não esteja sendo veiculado em canais televisivos, ainda há, em vários *blogs*, oferta de materiais com essa marca para festas de aniversário infantil.

A migração do produto cultural televisivo para outros circuitos culturais, conforme assinalamos anteriormente, possibilita que as crianças ainda continuem tendo acesso a alguns episódios de *Sid, o cientista*, que estão disponíveis na *internet*, no canal do *Youtube*. O

Youtube oferece outra forma de interação crianças-produto cultural, na medida em que o público infantil pode selecionar um episódio para assistir no próprio canal ou por meio de *download*. Isso permite, ainda, a realização desta pesquisa, já que não se tem acesso à série completa veiculada nas TVs aberta e a cabo.

O desenho tem o nome de sua personagem principal, um menino curioso que, junto com a professora e seus colegas de turma, a cada episódio, investigam fenômenos do universo da ciência, seguindo, de acordo com os seus criadores, a teoria da aprendizagem cognitiva e o currículo de ciências indicado para a fase pré-escolar. Os conteúdos científicos abordados por Sid e sua turma estão organizados nos seguintes grupos temáticos: ferramentas e medições; mudanças e transformações; sentidos; saúde e máquinas simples; clima; corpo humano; força e movimento; luz e sombra; sistemas ambientais e outros temas denominados especiais.

Sid, o cientista está incluso em um amplo mercado de produtos culturais educativos destinados às crianças em fase pré-escolar. Alguns produtos similares a esse são direcionados para um campo específico do conhecimento; outros são mais abrangentes. Assim, ao assistirem o *Peixonauta*, por exemplo, as crianças aprendem sobre preservação do meio ambiente e diversidade da fauna. Com *Doki*, elas se familiarizam com saberes da arte, matemática, astronomia, geografia, ciência, meio ambiente e educação física. A *Doutora Brinquedo* aborda temas relativos a saúde, bem-estar e higiene e a *Hora do Justin* trabalha elementos culturais, históricos e geográficos de diferentes civilizações atuais e antigas.

Cabe ressaltar que a *Discovery Kids*, canal a cabo que veiculava *Sid, o cientista*, contém em sua lista atual de produtos culturais educativos, um desenho muito similar ao do pequeno cientista. A animação *Show da Luna* apresenta uma garota que parece ser a versão feminina de Sid; tão curiosa quanto o garoto, ela inicia cada episódio com uma música com uma série de questionamentos. Diferente de *Sid, o cientista*, a própria Luna é quem faz os experimentos a partir de um universo imaginário, no qual os seres e objetos investigados ganham vida e ela se transforma em um deles. Dito de outra maneira, nas investigações científicas desse desenho, não há a inter-relação cotidiano/familiar/escola, nem a interação alunos/professor e crianças/adultos. Daí nossa opção em analisar *Sid, o cientista*.

Assim como todo produto da cultura das mídias, *Sid, o cientista* visa o entretenimento e a diversão das crianças. Consequentemente, esses dois processos as educam no que se refere aos temas que permeiam os episódios deste produto cultural; fenômenos investigados pela Ciência. Nesse educar, em um sentido não restrito a processos pedagógicos de ensino, estão implícitos vários fatores que corroboram para a construção de subjetividades infantis e estas também nos interessa na relação produto-cultural-televisivo-criança.

3.1.1 Caracterização dos personagens

O elenco desse produto cultural televisivo é composto por Sid, personagem principal, e sua família; seus colegas de escola, Geraldo, May e Gabriela e a professora Susie. Sid é um menino muito curioso, observador e questionador. Ele está sempre investigando o porquê das coisas e no decorrer dos episódios brinca de ser repórter.

Figura 1 – Personagem principal, Sid



Fonte: Sid, cientistas – Pulmões

Sua família é composta por pai, mãe, filhos e avó. O pai Mot é bastante atencioso e dialoga com o filho acerca do caráter prático dos questionamentos que o menino faz. Alice é uma mãe dedicada e amorosa. Ela também sempre demonstra disposição para encontrar respostas para as perguntas do filho. A vovó é uma senhora contemporânea. Ela gosta de ouvir músicas dançantes; sempre pega o neto Sid na escola e lhe conta histórias a partir do que ele aprendeu na aula. O bebê Zack é o irmão mais novo de Sid.

Figura 2 – Sid, Mot, Alice e Zack



Fonte: Sid, o cientista- Estômago

Figura 3 – Sid e a Vovó



Fonte: Sid, o cientista- Estômago

Com relação aos colegas de escola de Sid, Gabriela usa penteado Maria Chiquinha, blusa com bolinhas cor de rosa, saia e sapatos desta cor, representando o protótipo social feminino. É muito alegre e adora dançar; também é melhor amiga de Sid e a criança mais alta da turma da professora Susie. Geraldo é o garoto de pele rosada, único personagem desta cor no desenho. Ele se considera um astro do *rock*; é o aluno mais animado do quarteto e adora fazer brincadeiras para conquistar a atenção dos colegas. May roupa azul e usa óculos. Seu perfil representa a garota intelectual da turma.

Figura 4 – May, Gabriela e Geraldo



Fonte: Sid, o cientista - Estômago

Susie é uma professora de múltiplas habilidades, além de ensinar ciências para a Sid e seus colegas por meio de experimentos no laboratório, ela canta uma música educativa, no final do episódio, sobre o tema da aula. Ela incorpora o papel do professor mediador no processo de aprendizagem das crianças.

Figura 5 – A professora Susie



Fonte: Sid, o cientista - Estômago

Sid, Gabriela, May e Geraldo representam crianças entre quatro e cinco anos. De acordo com informações disponibilizadas no site da produtora PBS kids®, *Sid, o cientista* é

um desenho educativo destinado ao público em fase pré-escolar. Entretanto, considerando-se currículo escolar brasileiro, os temas abordados na maioria dos episódios selecionados para essa análise pertencem à primeira fase do Ensino Fundamental, ou seja, o Ensino Fundamental Menor.

3.2 Descrição e análise do conteúdo dos episódios

Ao assistirem a esse desenho as crianças ampliam seu repertório cultural tanto com relação a vários conteúdos relacionados aos fenômenos científicos quanto a questões socioculturais. No quadro abaixo listamos alguns destes conhecimentos.

Quadro 1- Lista de possíveis aprendizagens do público alvo de *Sid, O cientista*

Conteúdos gerais escolares	Conteúdos específicos escolares	Episódio
Racionalidade	Fenômenos científicos	Todos
Órgãos do corpo humano	Pulmões e estômago	1 e 2
Hábitos alimentares saudáveis	Alimentos nutritivos	3
Hábitos de higiene	Lavar as mãos e escovar os dentes	4 e 6
Exercícios físicos	Movimentos corporais	5
Valores socioculturais amplos	Valores socioculturais específicos	
Valorização da escola	Desejo de aprender	Todos
Relação de gêneros	Igualdade de gênero	2
Diversidade cultural	Diferenças entre as crianças	Todos
Relações harmônicas	Amizade entre as crianças/ Família sem conflitos	Todos

Cabe ressaltar que os conteúdos escolares estão explícitos no enredo do produto cultural analisado, tendo em vista que o objetivo assumido por ele é ensinar a criança a gostar de ciências e aprendê-la de modo divertido. Entretanto, juntamente com essa proposta um conjunto de valores e comportamentos socioculturais é transmitido aos telespectadores de *Sid, o cientista*, seja por meio dos discursos dos personagens, seja pela estética do desenho animado, conforme demonstraremos nas análises a seguir.

Sid, o cientista foi produzido a partir de uma estrutura básica, ou seja, de um roteiro que se repete em todos os episódios, com variação da temática. Em nosso *corpus* de análise, esta estrutura está completa em dois episódios, *Sid, o cientista – pulmões* e *Sid, o cientista – estômago*. Os demais episódios apresentam as principais etapas do enredo, fato que não nos impede de alcançar os objetivos propostos para esta pesquisa. Na discussão de cada episódio, focalizamos um destes elementos que embasam a produção do desenho educativo: organização do espaço escolar; modos de ser professora, de ser criança; padrão de família, (papéis sociais); interações crianças – crianças e crianças – adultos, além da persuasão por meio da linguagem audiovisual.

3.2.1 Episódio – Pulmões: organização do ambiente escolar

Na abertura do episódio, Sid aparece no primeiro plano, batendo em seu microfone e perguntando “Ei esse treco tá ligado?”. Em seguida aparecem no plano de fundo, Gabriela pulando corda com May e Geraldo e todos cantando

Ei Sid cadê você?	Por que as coisas são como são?
Hoje é dia de aprender!	O que tem lá no espaço?
(Sid canta e dança)	Eu posso voar?
Eu quero é saber como e por quê?	O mundo gira e por que será?
Quero aprender tudo junto a você Como a luz	Muitas perguntas pra tudo que exista
acende?	Sou Sid o cientista!
Por que tudo muda?	

Nessa abertura, os criadores exploram duas características das crianças, os constantes movimentos e a curiosidade que é focalizada nos porquês da letra da música, associando esta última ao perfil do cientista. O pronome de tratamento no singular no verso “quero aprender tudo junto a você” revela que Sid não responde a seus colegas. Ele faz um convite ao telespectador para que este faça uma adesão ao programa, aprenda junto com ele. No penúltimo verso, o menino encosta uma lupa no olho direito, conferindo a importância do aguçamento do olhar para se compreender os fenômenos científicos. Esse gesto do garoto, detacando o olho com a lupa, retome a diferenciação que há entre o sentido de ver e de olhar. Enquanto “ver” situa-se no campo das percepções e das sensações; “olhar” tem um sentido mais investigativo, analítico, em conformidade com a função da ciência.

Figura 6 – O olho de Sid ampliado na lupa



Fonte: Sid, o cientista - Pulmões

Após a música, Sid aparece em seu quarto, escovando os dentes, cumprimenta o telespectador e afirma que está com pressa, pois está atrasado para ir à escola. A mãe o chama para tomar café da manhã. Ele corre, arrumando o quarto e comenta com o telespectador que essa correria o deixou respirando mais rápido, pega o microfone, mostra como sua respiração está forte. Avisa que está deixando entrar bastante ar e se questiona para onde vai tanto ar. A mãe o chama novamente e ele sai do quarto correndo e, no corredor grita “Café da manhã”. O diálogo do menino com o telespectador, além de introduzir o tema do episódio.

O plano de fundo onde ocorre esse diálogo é um quarto infantil de criança pertencente à classe média, pois é bastante amplo, decorado com muitos móveis, brinquedos de tamanho e tipos variados e diversos livros, indicando que a leitura e a diversão são elementos presentes no cotidiano do personagem. A organização dos objetos no quarto revela um perfil de criança que cuida do próprio espaço, com autonomia. Em outras palavras, o desenho educa os seus telespectadores por meio de elementos estéticos. Isso é reforçado pelo comportamento de Sid que se preocupa em arrumar os brinquedos antes de ir para a cozinha tomar café da manhã.

Figura 7 – Cenário do quarto de Sid



Fonte: Sid, o cientista- Pulmões

Na cena seguinte, em primeiro plano, Sid fala para a mãe que estava correndo no quarto e pareceu que a respiração dele ficou muito rápida. Em segundo plano, o pai está fazendo um conserto na parte exterior da casa, subido em uma escada. Sid o convida para fazer uma experiência e lhe pede que suba e desça a escada várias vezes para verificar se a respiração do pai também ficará acelerada. Mot mostra disposição para interromper o trabalho que estava realizando e atende ao pedido do filho. Sobe e desce a escada várias vezes. Sid lhe pergunta: “Como foi subir e descer as escadas, pai?” Mot explica que a sua respiração ficou mais acelerada. Sid fala que aconteceu igualmente com ele quando estava correndo no quarto e quer descobrir para onde o ar vai ao entrar em seu corpo. A mãe elogia o questionamento do filho e lhe explica que o ar entra no corpo e vai para os pulmões. Sid comenta que na escola investigará mais sobre o tema.

No plano de fundo, o cenário, agora, é uma cozinha, também muito ampla, iluminada, com portas de vidro e decorada com eletrodomésticos de alto padrão no estilo americano. Esta paisagem distancia-se das minúsculas cozinhas da maioria das famílias brasileiras moradoras de apartamentos e ratifica perfil da classe social a qual Sid e família pertencem.

Figura 8 – Cenário da cozinha da casa de Sid



Fonte: Sid, o cientista- Pulmões

Na cena subsequente, a mãe leva Sid à escola. No percurso, ele canta alegremente “Te amo mãe/ Você da hora/ Mas é que agora tá na hora da escola!”. A professora Susie aguarda o aluno no portão com muito entusiasmo e receptividade.

Nessa cena, os muros da escola se destacam pelo fato de serem construídos por grades e não por tijolos e concretos. Enquanto estes isolam totalmente a escola do seu entorno, oculta aquilo que acontece na área interna do espaço escolar, aquelas simbolizam maior liberdade para o público infantil e não afasta tanto a escola do contexto social no qual ela está instalada.

Figura 9 – Visão externa da escola de Sid

Fonte: Sid, o cientista - Pulmões

Figura 10 – Pátio da escola de Sid

Fonte: Sid, o cientista - Pulmões

Dentro da escola, em um pátio grande, arborizado, colorido e com vários brinquedos para o lazer das crianças, quase uma réplica de um parquinho de diversões, Sid sai correndo e canta a música de apresentação das personagens do desenho animado. Uma pausa na música. Onde estão as árvores da escola real? E as cores? Por que só restou a cor cinza, a cor branca e a cor do partido que administra o Estado? Por que a fase da infância é colorida e a fase adulta não é?

Cadê os meus amigos?
 Eu achei você!
 Ei, essa é Gabriela
 (Gabriela responde dançando)
 Olha o que eu sei fazer!
 (Sid continua)
 Cadê os meus amigos?
 Eu achei você!
 Ei, Geraldo!
 (Geraldo diz)
 Olha só que irado!
 Eu sou o astro do Rock!
 Geraldo no pedaço
 (Sid continua cantando)
 Cadê os meus amigos?
 Eu achei você!

Ei, é a May!
 (Ela lhe responde, dançando)
 Oi querem ver o meu balanço
 (Todos cantam)
 Cadê nossos amigos?
 Achamos você!
 Ei, olha o Sid!
 (Sid pergunta)
 Você já ouviu falar de um cara
 Que quer saber tudo sobre tudo que existe?
 (Os amigos respondem)
 É o Sid!
 (Todos cantam)
 Cadê nossos amigos?
 Nossa turma tá aqui!
 A gente se curte demais!

A apresentação dos personagens mostra as características de cada estudante da escola de Sid. Com isso, *Sid, o cientista* resalta a diversidade de identidade cultural e adota discurso de que a escola não deve ser uma fábrica de homogeneização de sujeitos. Entretanto, seguindo

a tendência da maioria dos produtos culturais infantis¹, essa diversidade não é observada no que se refere ao enfoque étnico-racial, pois entre cinco personagens que compõem o núcleo escola, não há crianças negras, embora essa etnia seja expressiva na composição do povo americano, local de origem do produto cultural, e aqui no Brasil um dos países em que o produto foi veiculado. Neste sentido, talvez, seja interessante nos questionarmos: Que sentimentos uma criança negra, sem acesso à escola poderia desenvolver ao assistir esse produto cultural? Ou mesmo quais sentimentos podem gerar nas crianças brancas que não têm uma criança negra como colegas de turma?

Depois da música de apresentação das personagens, ainda no pátio da escola, Sid brinca de repórter, fazendo uma pesquisa na qual pergunta aos colegas “Pra onde vai o ar no seu corpo quando você respira?” Todos estão brincando individualmente, o que mostra que seus interesses naquele momento são diferenciados, mas, curiosamente, nenhum se recusa a responder à pergunta de Sid. A primeira entrevistada é May. Ela acha que o ar entra pela garganta, vai até pés e volta pela boca. Geraldo diz que o ar entra pela boca e sai pelo nariz e Gabriela acredita que o ar entra, fica um pouco na barriga e depois tem que sair. Sid apresenta o resultado da pesquisa, em uma tabela com o rosto e a resposta de cada colega.

O entusiasmo de Sid na ida à escola, a receptividade da professora, o clima harmônico entre as crianças, a disponibilidade delas para participar do faz de contas de um colega, somado ao cenário atraente, convidativo à diversão, fazem com que *Sid, o cientista* possa ser visto como um produto cultural que educa as crianças e em certo sentido compõe um dos espaços sociais para convencer as crianças e as famílias de que há necessidade de os sujeitos infantis serem, prematuramente, integrados ao ambiente escolar e seus processos disciplinares. Portanto, o contato do público infantil com essa animação contribui a aceitabilidade da ação social da escola nessa fase do desenvolvimento humano .

Na continuação do enredo, Susie chama as crianças para a roda cantando

¹Em uma pesquisa sobre a presença de personagens negros em desenhos animados infantis, Ramos (2012) constatou que estes são uma minoria em relação aos personagens brancos.

Roda	Roda
Vamos entrar	(As crianças)
Roda	Tia Susie
É a roda	(Susie)
Todo mundo aqui	Todos juntos todo dia
(As crianças)	Roda
Estamos aqui!	Vem pra cá
(Susie)	Aprender é uma alegria
Todo mundo já pra dentro	

A letra tem um tom inclusivo, pois os versos “Todo mundo aqui”, “Todos juntos todo dia” expressam que nenhuma criança, regularmente, deve ficar dispersa. A ideia de inclusão está presente não só no canto da professora, mas também no comportamento dos alunos. Ao primeiro chamamento de Susie, todas as crianças lhe atendem. Esse é um comportamento corriqueiro na escola?

Na sala de aula, Susie, Gabriela, May e Sid sentam em formato de círculo em tapetinhos postos no chão. Geraldo entra correndo para frente e para trás. Susie sorri e lhe pede para se mover para frente. Não há as fileiras de carteiras do ensino tradicional para deixá-los com movimentos limitados. Todos se divertem com ele. Geraldo senta na roda, que é organizada com Susie ao centro, os dois meninos sentados a sua direita e as duas meninas a sua esquerda. Essa disposição das crianças tem sentido dicotômico, uma vez que tanto pode enfatizar a representação numérica dos gêneros masculino e feminino nesta sala, quanto os polarizar. Susie não tem birô, porém ainda ocupa o centro do espaço de aprendizagem.

Figura 11 – Susie e as crianças na roda



Fonte: Sid, o cientista - Pulmões

Assim, como a área externa da escola, a sala da professora Susie reproduz a organização espacial de uma escola contemporânea. Está dividida por áreas de atividades (tapete da roda, área da música educativa etc.). Armários para guardar o material dos estudantes, cores variadas, brinquedos educativos, muitos livros, janelas baixas e

transparentes entre outros elementos que compõem um ambiente de aprendizagem bastante atrativo para as crianças. A disposição dos móveis e demais objetos deixam espaços livres para que as crianças possam correr dentro da sala. Loughlin e Suina (1987 apud FORNEIRO, 1998, p. 237), afirmam que

o ambiente da sala de aula é muito mais do que um lugar para armazenar livros, mesas e materiais. Cuidadosamente e organizadamente dispostos, acrescentam uma dimensão significativa à experiência educativa do estudante, atraindo seu interesse, oferecendo informação, estimulando o emprego de destrezas, comunicando limites e expectativas, facilitando as atividades de aprendizagem, promovendo a própria orientação, apoiando e fortalecendo através destes o desejo de aprender.

Ao iniciar a aula, a professora pergunta se alguém tem alguma coisa para contar à classe. Sid responde que pela manhã havia perguntado aos pais para onde vai o ar quando respiramos e eles disseram que o ar vai para um lugar chamado pulmões. Susie confirma que os pais do garoto estão corretos, levanta-se, explica que, quando respiramos, o ar vai para um lugar no nosso peito chamado pulmões. Ao invés de ir ao quadro negro, objeto que não aparece na escola de Sid, para copiar o conteúdo, ela pega uma ilustração grande de um corpo humano com os pulmões em destaque e mostra para as crianças. Estas se admiram com a imagem dos pulmões. May compara esses órgãos com balões.

Susie pede que os alunos se levanten e coloquem as mãos no corpo na altura dos pulmões, inspirando. Geraldo grita que o corpo dele está enchendo. Susie explica que isso acontece porque os pulmões dele estão enchendo de ar. Ela orienta a turma a expirar, isto é, deixar o ar sair do corpo. May fala “Meu corpo diminui quando eu expiro”. A professora confirma e acrescenta que quando as crianças inspiram e expiram, estão realizando a respiração. Sid afirma que ainda não entendeu por que precisamos respirar. Susie valoriza a pergunta dele, explica que precisamos respirar para fazer a oxigenação do corpo. Geraldo fala que se precisamos do oxigênio é melhor pegá-lo logo e todos os alunos começam a inspirar. Susie os acalma, dizendo que os pulmões sozinhos fazem essa atividade. Gabriela pergunta “Até quando estamos dormindo?” Susie confirma e convida a turma para ir ao Superlaboratório investigar formas diferentes de usar os pulmões. Todos festejam pegam os cadernos em uma estante e correm para o superlaboratório.

No espaço de investigação, sentadas em uma mesa meia lua, as crianças, gritam “Superlaboratório! Investiguem, explorem, descubram”, ou seja, convidam os telespectadores a serem cientistas também. Há, em *Cid, o cientista*, uma sutil valorização da Ciência, uma valorização à racionalidade da vida, principalmente, a “forma” de resolver os seus problemas.

Figura 12 – As crianças no Superlaboratório



Fonte: Sid, o cientista - Pulmões

Seguindo a cena, Susie explica que os pulmões fazem o ar entrar e sair dos nossos corpos. Afirmar também que as crianças irão inspirar, expirar e observar como o ar entra nos pulmões. Geraldo pede para preparar os pulmões dele antes do início da atividade. Inspira, expira e afirma que está pronto. Susie ri e continua explicando às crianças que elas farão atividade de inspiração e expiração fazendo bolhas em um copo com água, sobrando um cata-vento de papel e fazendo bolhinhas de sabão. As crianças ficam agitadas para começarem a atividade. Na cena, os movimentos e expressões delas demonstram a alegria e o desejo de aprender e ratifica o discurso da letra da música (aprender é uma alegria). Susie elogia o entusiasmo delas e faz um exercício de respiração profunda a fim de acalmá-las. Será que se eles tivessem que responder aos exercícios virtuais do livro didático, sem esse contato com objetos concretos essa alegria existiria?

Em uma mistura de ficção e realidade, crianças reais e também professora aparecem na tela para realizar as atividades, que associam o aprender com o brincar. Sob a narração de Susie, elas sopram suave e fortemente com um canudo em um copo com água, observando o que acontece quando sopram de modo suave e quando sobram com força. No primeiro caso, as bolas formadas são pequenas, no segundo, são grandes. Em seguida, Susie pede que as crianças reais soprem uma língua de sogra, observando que elas precisam inspirar bem e depois expirar forte para desenrolar toda a língua de sogra. Além disso, as crianças reais também fazem bolas de sabão, sopram o cata-vento, tentam encher uma bexiga e, por fim, desenham, no caderno, suas formas prediletas de usar os pulmões.

De modo coerente, todo o experimento das crianças reais é mediado por uma professora e o protagonismo das crianças é ressaltado. Entretanto, embora a passagem do vídeo aconteça em movimentos rápidos, ao compararmos o “Superlaboratório” com o local onde as crianças reais desenvolvem o experimento, podemos observar uma contradição no

produto cultural. Os dois espaços não têm a mesma organização nem a estética. Enquanto aquele é colorido, bem equipado e organizado, com janelas transparentes; este é composto pelos elementos básicos da experiência científica do episódio, é sombrio, o colorido resume-se a cartazes que enfeitam o plano de fundo da cena. Qual das duas paisagens na figura 13 se aproxima mais da infraestrutura da maioria das escolas públicas brasileiras e sergipanas?

Figura 13 – O cenário do Superlaboratório e o da cena real



Fonte: Sid, o cientista – Pulmões

A animação retorna para as personagens e Susie, em uma atitude de valorização das diferentes formas de aprendizagem das crianças, pede que Sid mostre o que desenhou no caderno. Ele mostra os desenhos de bolas no copo com água e de um cata-vento, explicando que foi mais difícil fazer a segunda atividade. May também mostra o seu desenho de bolhas de sabão e afirma que teve que soprar bem devagar para fazer a bolha crescer. Susie elogia a turma e a dispensa para ir brincar no parquinho com as novas ideias. Essa alternância de brincar no parquinho e desenvolver atividades na sala e no laboratório sugere ao telespectador de *Sid, o cientista* uma ideia oposta ao modelo de ensino tradicional, no que se refere à mobilidade das crianças na escola.

O momento da brincadeira sugerido por Susie não é narrado no desenho. Depois da experiência no laboratório, as crianças chamam a professora para que ele cante uma música sobre o tema. Susie pede às crianças se sentem, pois tiveram um dia bem atarefado. Elas se sentam em bufes confortáveis e a professora canta:

Inspirar, inspirar
É tão natural que não pode parar
Inspirar, inspirar
Calmamente respirar
Inalar, soprar
Deixe o oxigênio todo entrar
Inspirar, inspirar
Calmamente respirar

O oxigênio faz seu corpo funcionar
Respire devagar
É natural deixar o ar entrar
Girafas e baleias enchem os pulmões
Pessoas, animais, jovens e anciões
Inspirar, inspirar
Respire calmamente e sossegue sua mente
Inspirar, inspirar, calmamente respirar.

Ao concluir a música, Susie afirma que encherá seus pulmões de ar para dizer que seus pequenos cientistas se saíram muito bem na aula. E os dispensa para irem para casa. A letra, além de expressar um exercício prático de respiração para os telespectadores infantis, também acrescenta conhecimentos sobre a temática do episódio: não é apenas o homem que inspira e respira; os animais também fazem isso.

No portão da escola, a vovó pergunta “Onde está o meu Sid!”. Ele responde “Estou aqui vovó!”. No carro, ela pergunta ao neto o que ele aprendeu na aula e ele responde que aprendeu que “inspiramos o ar e que isso leva oxigênio pros os nossos pulmões”. A vovó pergunta a Sid se ele sabia que existe respiração embaixo da água. Ele fala admirado “O quê vó? As pessoas podem respirar embaixo da água?”. Ela diz que um de seus passatempos preferidos é o mergulho, no qual as pessoas respirar embaixo da água com o auxílio de um tubo de oxigênio. Conta também que uma vez estava mergulhando, viu uma baleia enorme e explica para o neto como as baleias respiram.

A conversa com a avó, neste episódio, é um complemento ao que o menino aprendeu na escola com experiência no Superlaboratório e com a música de Susie. O diálogo entre a avó e o neto possibilita a expansão do repertório cultural do telespectador infantil, pois enfatiza a importância do sistema do ato de respirar para a prática de natação e como funciona o sistema respiratório da baleia. O aprendizado não está restrito aos muros da escola.

Na calça de casa, Sid canta com um microfone na mão

Hoje eu aprendi uma coisa bem legal
Eu sei tudo dela
Ela é genial
Eu sei tudo sobre pulmões!

Entra em casa, afirma “O cientista em casa!” e vai ao quintal, onde Alice e Mot estão brincando com o filho mais novo Zack, e conta aos pais o que aprendeu na escola sobre respiração e que usamos os pulmões para fazer a oxigenação do corpo. O pai pede ao filho o microfone emprestado para que Alice demonstre outra maneira de usar os pulmões. Ela pega o microfone e canta “Sopre, sopra o ar/ Use o seu pulmão/ Inspire, inspire assim/ Isso é uma diversão”.

Na cena final, Sid aparece em seu quarto vestido de pijamas com o microfone na mão, contando ao telespectador sobre o que aprendeu na escola o processo de respiração e oxigenação e, também com a avó sobre a maneira como as baleias respiram, jogando um grande jato de água para cima. Assim, ele tem a grande ideia de inventar o Parque jato da baleia, no qual uma grande baleia mecânica, com o seu jato de água, faz as crianças flutuarem

em uma boia. A narração da ideia do garoto é ilustrada na tela como se, realmente, ela estivesse acontecendo. No final, quando ele diz “Essa foi minha mega, super, hiper, franca ideia”, ouvem-se palmas no fundo sonoro do desenho. Ele enche os pulmões de ar para dizer “Eu sou Sid, o cientista” e se despede do telespectador recomendado que este faça sempre muitas perguntas. Deita-se na cama respira e dorme.

3.2.2 Episódio – Estômago: uma proposta de currículo escolar

O início do episódio focaliza Sid no primeiro plano, batendo em seu microfone e perguntando “Ei esse treco tá ligado?” Gabriela, May e Geraldo aparecem no plano de fundo, pulando e cantando

Ei Sid cadê você?	Por que as coisas são como são?
Hoje é dia de aprender!	O que tem lá no espaço?
(Sid canta e dança)	Eu posso voar?
Eu quero é saber como e por quê?	O mundo gira e por que será?
Quero aprender tudo junto a você	Muitas perguntas pra tudo que exista
Como a luz acende?	Sou Sid o cientista!
Por que tudo muda?	

Depois da abertura, em seu quarto, Sid cumprimenta o telespectador, explica-lhe que está muito feliz porque ajudará o pai a fazer café da manhã para Alice já que é o dia das mães. Pega o microfone e entrevista seu pinguim inflável “Você sabe o que vamos fazer doutor pinguino? Não? Tá legal! Rabanada. Por quê? Porque é o prato preferido da mamãe!”. Comenta que só de pensar lhe dá fome. O estômago de Sid ronca. Ele fala para o telespectador que o estômago dele está tentando lhe dizer alguma coisa. Precisa saber o que o estômago está tentando lhe dizer. Neste episódio, é Mot que chama o filho para tomar café da manhã. Sid sai correndo do quarto e no corredor de acesso à cozinha grita “Café da manhã”.

Na cozinha, Sid dá bom dia ao pai. Mot o chama para ajudá-lo a preparar as rabanadas. Zack está sentado em sua cadeira de bebê. A mesa está arrumada com flores. Os detalhes da cena retomam um elemento importante da proposta de currículo que norteia a construção deste desenho educativo, a igualdade de gêneros, agora no âmbito familiar. Sid, assim como as crianças que assistem a produto cultural, aprende com Mot que o cuidado da casa deve ser dividido compartilhado por marido e esposa. O fato de o homem ser o porta-voz desse discurso significa que essa atitude surgiu de uma conscientização dele e não de solitudes da esposa. No caso das crianças brasileiras, essa mensagem do desenho é um

elemento formador positivo, tendo em vista o discurso cultural machista de nossa sociedade, no qual, a cozinha e os afazeres domésticos são lugar e tarefas destinados a mulher.

Alice aparece elogiando o cheiro da comida. Mot e Sid falam, simultaneamente, “Surpresa! Feliz dia das mães!” Alice elogia as flores postas na mesa. Sid solicita que a mãe se sente à mesa, pois ele e o pai estão fazendo rabanada. Alice responde que está se sentindo muito especial. Mot apresenta as rabanadas prontas. Alice se levanta, mas Sid pede que ela se sente novamente, corre pega as rabanadas e lhe entrega, dizendo que não ela não precisa fazer nada porque é o dia das mães especial. A mãe agradece ao filho de modo carinhoso. O pai chama Sid para ajudá-lo a procurar uma tigela, com o intuito de lhe perguntar o que farão para Alice comer no jantar. Sid sonda a mãe lhe perguntado se ela pudesse comer algo especial no jantar, qual comida seria. Alice diz que adora macarrão com verduras. Ele conta ao pai qual é o prato preferido da mãe. Alice elogia o sabor das rabanadas. Quando Sid se aproxima da mãe para dizer que está contente por ela ter gostado da comida, sente o aroma das rabanadas e o estômago dele ronca. Ele comenta com a mãe que o estômago está falando com ele. Alice lhe explica o estômago não está falando, ronca porque Sid está com fome. O menino afirma que na escola investigará mais sobre o assunto na escola.

Igualmente ao primeiro episódio, as duas primeiras cenas contextualizam a temática que será discutida na escola de Sid. Dessa forma, podemos observar que o desenho aminado trabalha com a concepção de currículo, no qual as experiências da criança é o centro do processo educativo. Sendo assim, o aprendizado escolar ocorre a partir da curiosidade dos alunos, de perguntas que surgem suas vivências fora da escola. O café da manhã, momento em que Sid dialoga com os pais sobre o questionamento que será levado à escola, ressalta a importância da integração da família nesse currículo. Em outras palavras, escola e pais são corresponsáveis pelo desenvolvimento do aprendizado da criança. Neste aspecto, os telespectadores de *Sid, o cientista* podem aprender ao assistirem esse desenho que a interação com a família, no que se refere ao compartilhamento de conhecimento de mundo, deve ser de um momento prazeroso, de diálogo, que não se restringe a sentar e fazer dever de casa.

Tempo para tomar café da manhã com os filhos, disponibilidade para o diálogo como eles, interesse em ouvir e responder seus questionamentos. Eis o conceito de integração entre família e escola que esse produto cultural apresenta ao seu público infantil. Isso nos leva a questionar se essa é a realidade da maioria das crianças que frequentam a escola pública brasileira ou é apenas um ideal curricular?

No caminho da escola, Sid canta alegremente “Te amo mãe! Você é da hora, mas é que agora tá na hora da escola”. A alegria do garoto expresso no verso da música “Mas é que

agora tá na hora da escola” contradiz a falta de prazer de ir à escola que as crianças, geralmente, demonstram. É fato constatado que o currículo da maioria das escolas públicas brasileiras e sergipanas pouco tem atraído as crianças a frequentarem a escola, muitas preferem assistir à televisão em casa. Todavia, como se trata de um produto cultural educativo, uma de suas intenções é despertar, nas crianças, o desejo de ir à escola. No portão da escola, Susie o recebe. Ele sai pelo pátio cantando

Cadê os meus amigos?
Eu achei você!
Ei, essa é Gabriela
(Gabriela responde, dançando)
Olha o que eu sei fazer!
(Sid continua)
Cadê os meus amigos?
Eu achei você! Ei, Geraldo
(Geraldo diz)
Olha só que irado!
Eu sou o astro do Rock!
Geraldo no pedaço
(Sid continua cantando)
Cadê os meus amigos?
Eu achei você! Ei, é a May!
(Ela lhe responde, dançando)

Oi, querem ver o meu balanço
Cadê nossos amigos?
(Todos cantam)
Achamos você!
Ei, olha o Sid!
Sid pergunta
Você já ouviu falar de um cara
Que quer saber tudo sobre tudo que
existe?
(Os amigos respondem)
É o Sid!
(Todos cantam)
Cadê nossos amigos?
Nossa turma tá aqui!
A gente se curte demais!

No que se refere ao currículo, podemos observar que o final da letra da música sugere uma forma de aprendizagem escolar baseada na interação entre os estudantes e não como uma atividade individual. Por isso, Sid ao chegar à escola, procura seus amigos para engajá-lo na sua curiosidade científica. A confirmação desse conceito de aprendizagem e dessa conquista do personagem principal é o verso “Nossa turma tá aqui”.

Após a música, Sid faz sua pesquisa, perguntando aos seus amigos “O que você acha que acontece com a comida no seu estômago?” May diz que os pedacinhos de comida se encontram no estômago dela para brincar. Gabriela afirma que o estômago dela mistura tudo o que ela comeu e transforma numa sopa. Geraldo fala que primeiro a gente come a comida e depois o estômago a come novamente. Sid apresenta do resultado da pesquisa em um painel e convida o telespectador a pensar sobre a questão com a pergunta “Você também pensou no que acontece com a comida em seu estômago?”

O faz de contas das crianças apresenta o levantamento de conhecimentos prévios dos estudantes da escola de Sid e ao mesmo tempo funciona como oportunidade de criação de hipóteses sobre o tema que será investigado no episódio. Nesse mundo imaginário, todos têm oportunidade de mostrar aquilo que já sabem sobre o tema. Isso não ocorreria numa sala de

aula tradicional devido à metodologia de ensino e ao número de alunos. Ao contrário da superlotação da maioria das escolas do ensino Fundamental Menor, a escola de Sid só tem quatro alunos. Qual a simbologia discursiva dessa representação numérica? Seria que esse modelo de educação é reservado a poucos?

Susie chama os alunos “Pessoal é hora da roda!”, novamente, já no primeiro chamamento a voz da professora não é ignorada. Sid diz “Olha é a Susie”. Ela canta

Roda	Roda
Vamos entrar	(As crianças)
Roda	Tia Susie
É a roda	(Susie)
Todo mundo aqui	Todos juntos todo dia
(As crianças)	Roda
Estamos aqui!	Vem pra cá
(Susie)	Aprender é uma alegria
Todo mundo já pra dentro	

Além do caráter inclusivo, sobre o qual já discutimos, a letra da música também enfatiza o prazer em aprender na escola. Juntamente com as crianças, Susie canta e dança para motivar os telespectadores ter alegria de aprender, para convencê-los a gostar das coisas que aprendem na educação formal. Fora do mundo encantado dos desenhos animados infantis essa metáfora “Aprender é uma alegria” subsiste? Utilizando os versos de *Jota Quest*: “Será que todo dia vai sempre assim” na escola real?

A cena continua. Susie, Gabriela, May e Sid sentam em formato de roda e Geraldo entra imitando um malabarista na corda bamba. Susie afirma, sem nenhuma irritação, “Muito bem senhor malabarista, vem sentar aqui um pouco”. Geraldo, ainda fazendo malabarismo, senta-se na roda e cai. As crianças e Susie se divertem com ele. Tanto a fala na professora quanto na receptividade dela, encontramos indícios de que a brincadeira é um elemento por meio do qual as crianças aprendem, por isso Geraldo não é repremido.

Depois que todos estão sentados, a Susie pergunta aos alunos quem quer comentar alguma coisa para a classe. Gabriela diz que estavam falando sobre o estômago. Querem saber o que acontece com a comida dentro dele. Sid acrescenta “É meu estômago fez barulho de hoje de manhã. Eu achei que ele tava falando comigo, mas agora eu não sei mais.” Susie confirma que o estômago faz barulho mesmo. Pega uma ilustração do corpo humano com o intestino em destaque. Gabriela acha a imagem do interior do corpo humano nojenta, May acha legal. Susie mostra para a turma, a partir da ilustração, o percurso dos alimentos no

corpo humano. Ela fala que os dentes trituram os alimentos em pedacinhos. Esses pedacinhos descem pela garganta e chegam ao estômago.

O barulho que ouvimos é o estômago se preparando para a chegada da comida ou é do estômago processando a comida, liberando o suco forte que dissolve os alimentos. As crianças estranham a ideia do suco no estômago. Acham nojento. Susie, alerta as reações dos alunos, explica-lhes que, embora apareça nojento é dessa maneira que processamos os alimentos e selecionamos a parte boa da comida, ou seja, os nutrientes de que precisamos. Esse processo se chama digestão. Geraldo pergunta: “Bom, se a gente fica com a parte boa da comida pra usar, pra onde vai todo o resto?” Susie elogia a pergunta de Geraldo e declara que o restante da comida é eliminado. Ela diz “Essa outra parte que sai do nosso corpo é o que chamamos de cocô”. As crianças ficam espantadas, boquiabertas. Geraldo fala “Você falou cocô!” e ri. Gabriela a repreende “Susie, mas a gente não deve falar cocô!”. Susie justifica-se “Eu sei disso, mas estamos falando de ciência e é isso que acontece! Tudo faz parte da digestão!” Ela convida as crianças para aprenderem mais sobre como a digestão acontece no estômago. Fala “Vamos todos para o...” As crianças respondem, com muito entusiasmo, “Superlaboratório!”. Pegam os cadernos e saem correndo para o espaço de investigação.

Distanciando-se do ensino tradicional, centrado no professor, a explanação do tema da aula ocorre em um diálogo entre estudantes e a professora, no qual todos são protagonistas. A partir do que as crianças propõem, a aula vai sendo desenvolvida. Susie Explica o tema aliando teoria com exemplos práticos e uso de imagens e mapas. Na escola de Sid e de seus amigos, portanto, aula não apresenta um plano pré-definido por um currículo fechado. O processo de ensino-aprendizagem não é determinado, preparado pela professora, mas segue os interesses e vivências das crianças, sendo encaminha em função daquilo que o grupo de alunos deseja conhecer. Em outras palavras, as crianças não só definem o tema, como também dialogam com a professora sobre ele, enquanto ela vai expondo as explicações.

Há, portanto, nessa abordagem das práticas educativas a ideia de *currículos nômades* discutida por Oliveira (2009), na qual o processo de ensino-aprendizagem não acontece a partir do currículo fixo, mas das demandas e interesses de cada turma, semelhante a um hipertexto, ou seja, uma ideia vai se interligando a outras e, assim, o processo de construção de conhecimentos ocorre. Essa perspectiva de currículo em movimentos, de currículo não como áreas de conhecimentos e conteúdos predefinidos, mas com um conjunto de práticas educativas voltadas os interesses dos estudantes caracteriza a escola ideal na contemporaneidade. Nessa escola, a busca de autonomia dos alunos é o foco principal, em contraposição à formação de sujeitos em séries das escolas tradicionais.

No laboratório, Susie e os alunos gritam “Superlaboratório!” Investigue! Explore! Descubra! Susie explica às crianças que elas farão uma investigação digestiva, na qual construirão um estômago. Sid, May e Gabriela acham a ideia legal. Geraldo fica assustado. Susie o tranquiliza, explicando que é um estômago de mentirinha. A professora descreve as etapas de construção do estômago artificial.

As crianças e a professora reais aparecem na tela desenvolvendo a atividade, enquanto Susie as orienta oralmente. As crianças pegam um saco plástico. Colocam suco de limão dentro dele. Quebram uma bolacha e adicionam ao saco plástico. Vedam o saco e simulam a digestão, apertando-o com delicadeza. Susie ressalta que a bolacha está se dissolvendo em pedaços menores. Orienta as crianças reais a acrescentarem fatias de banana no saco e depois apertarem devagar, para transformar o alimento em pedacinhos pequenos. Por fim, recomenda a limpeza do local da experiência e a anotação das observações no caderno. A animação retorna para os personagens e Susie pede que Sid mostre o desenho. Ele representou no caderno a digestão da bolacha pelo suco de limão dentro do saco plástico. Susie o parabeniza pela explicação e pede que Geraldo também mostre o que desenhou. Ele fez uma pessoa com pouca comida no estômago e com muita comida. Susie o elogia e libera a turma para brincar.

A maneira de organizar o conhecimento aprendido no Superlaboratório também é uma prática que focaliza os interesses da criança e valoriza formas de aprendizagens diferenciadas. Além disso, baseia-se na produção de desenhos coloridos pelas crianças para trabalhar aspectos distintos do tema visto na aula. Em outras palavras, os exercícios homogeneizantes que obriga a todos os alunos respondem às mesmas questões da escola tradicional² são substituídos pela ludicidade da arte de desenhar livremente. E as mãos ávidas por cadernos cheiros de atividades estruturais o que pensariam dessa metodologia?

Depois de saírem do superlaboratório, as crianças falam em coro “E agora tá hora da Susie cantar! Vai Susie!”. A professora canta uma música cuja letra tem um caráter explicativo e complementar do que os alunos já sabem sobre digestão até aquele momento.

² Concepção de escola na qual há uma “comum uma visão filosófica essencialista de homem e uma visão pedagógica centrada no educador (professor), no adulto, no intelecto, nos conteúdos cognitivos transmitidos pelo professor aos alunos, na disciplina, na memorização.” (SAVIANI, 2016).

Processar, processar
 O seu corpo sabe processar
 Quando o assunto é digestão
 O seu corpo vai processar
 Se a coisa é boa, dá uma mordida
 E o destino da comida é a sua
 barriga
 Use os dentes pra mastigar
 As enzimas e aminoácidos são
 trabalhar
 Eles vão é/ Processar, processar
 O seu corpo sabe processar
 Processar, processar
 Quando o assunto é digestão
 O seu corpo vai processar

Passa o esôfago, o intestino
 delgado
 E depois?
 E depois vai pro intestino grosso
 A comida anda pelo seu corpo
 Como se fosse um trem
 Mas a ordem de processar
 É do seu cérebro que vem
 Processar, processar
 O seu corpo sabe processar
 Quando o assunto é digestão
 A resposta é fácil de encontrar
 Processar, processar
 O seu corpo sabe processar
 Quando o assunto é digestão
 O seu corpo vai processar”.

Quando a música termina as crianças pulam de alegria. May fala que acha incrível tudo isso que acontece em nosso corpo e quando crescer será médica de estômago. Susie incentiva a ideia da menina e dispensa os alunos para retornarem a suas casas.

A roda, a experiência no laboratório e a letra da música completam, dentro da escola, o processo de construção de conhecimento sobre o tema abordado no episódio. Isso demonstra outra característica da escola ideal contemporânea, a diversidade de atividades pedagógicas. Considerando que cada sujeito aprende de modo singular e que esse aprendizado não pode ser assimétrico, busca-se a diversidade de formas de se abordar uma mesma temática, de modo que o protagonismo dos sujeitos possa ser exercitado.

Na porta da escola, avó de Sid o espera com um abraço afetuoso. No carro, ela pergunta como foi o dia do neto. Ele responde que aprendeu que quando o estomago faz barulho é porque esta digerindo comida. A Vovó afirma que a digestão é interessante e conta ao neto que, na infância, foi a uma festa e pegou bastante comida, uma quantidade maior do que aquela que cabia em seu estômago, por isso a mãe dela lhe disse “Mocinha o seu olho é maior do que seu estômago”, uma frase com tom educativo para a convivência das crianças em meios sociais. Sid acha graça e diz que a história deixou-o com fome.

Chegando a casa, Sid canta com um microfone na mão “Hoje eu aprendi uma coisa bem legal/ Eu sei tudo dela/ Ela é genial/ Eu sei tudo sobre digestão!”. Entra em casa, gritando “O cientista está em casa!” Desliga o microfone, ouvem-se sons de aplausos. Ele vai para o quintal, onde servirá, junto com o pai, o jantar especial do dia das mães para Alice e Vovó. Quando a comida é posta sobre a mesa, a mãe de Sid afirma que o estômago dela está rogando de fome. O pequeno cientista explica-lhe que aprendeu na escola que o estômago não

fala. O órgão está apenas se preparando para a chegada da comida e o início da digestão. Alice elogia o novo aprendizado do filho.

Na última cena, Sid vestido de pijamas, em seu quarto, com o microfone na mão recapitula com o telespectador o que aprendeu naquele dia sobre digestão. Em seguida ele apresenta sua grande ideia, que é juntar todos os seus amigos e fazer uma sinfonia com os barulhos produzidos pelo estômago. Depois de apresentar sua grande ideia, ele afirma que seu estômago não sabe falar, mas se soubesse diria “Eu sou Sid, o cientista”. Recomenda que o telespectador faça sempre muitas perguntas e se despede.

Nesta cena, Sid utiliza novamente o faz de contas para aplicar o que aprendeu na escola e com a família. A invenção do parque jato da baleia mostra a habilidade das crianças para produzir narrativas; ratifica, também, a ideia de que os sujeitos infantis são produtores de cultura, não absorvem passivamente os conhecimentos, mas transformam o que aprenderam. A grande ideia traz implícita, portanto, a projeção de uma escola cujas práticas educativas contribuam para que as crianças possam pensar, imaginar e recriar o que aprendem.

3.2.3 Episódio - Alimentação Saudável: ser professor/a na escola ideal

O episódio inicia com Sid, em seu quarto, se apresentando ao telespectador com frase “Oi eu sou o Sid” e explicando que está feliz por ser o dia do seu aniversário. Ele afirma também que o que gosta mais nessa data é do bolo de aniversário. A partir disso, ele faz uma série de questionamentos: por que tenho que esperar pelo aniversário para comer bolo de aniversário? Por que não podemos comer bolo em todas as refeições? E por que os pais não deixam os filhos comerem bolo tempo todo.

Em seguida, ele ouve a voz da mãe, chamando-o para tomar café da manhã. Estão sentados à mesa, Alice, Mot e Zack. Sid chega e se junta a eles. O pai, fala para o garoto que este poderá escolher o que gostaria de comer no jantar, já que é o aniversariante do dia. A mãe sugere o ensopado dela, o pai, bolinhos de carne. Na cena, os pais criam uma situação na qual o filho pode exercer autonomia a partir da liberdade de escolha, mas, o menino afirma que já sabe o que quer comer: bolo. Afirma, ainda, que deseja fazer isso todo dia, no café, no almoço e no jantar. E pergunta aos pais se esta é uma boa ideia. Sem autoritarismo, ambos afirmam que não. Mot explica ao filho que bolo contém muita açúcar e esse ingrediente não faz bem às pessoas. Inconformado, Sid argumenta que poderia existir um mundo no qual comer bolo todo dia não fizesse mal. Brinca de ser rei desse mundo, oferece bolo aos pais,

porém eles não aceitam por causa do açúcar. O pequeno cientista afirma que, após o café, irá investigar porque comer bolo todo dia faz mal à saúde.

Na escola, as crianças se sentam em uma roda, a professora Susie dá a coroa de aniversariante a Sid e lhe pergunta qual é o seu desejo especial de aniversário. Ele responde que deseja comer bolo todo dia, no café, no almoço e no jantar. May observa que a barriga de Sid não iria ficar feliz e sugere a ele um sanduíche de queijo grelhado. Ele afirma que gosta de queijo, mas bolo é tão gostoso; pergunta a Susie se ela também não gostaria de comer bolo todos os dias. A professora responde que gosta de bolo de aniversário, contudo este não é um alimento nutritivo. Sid questiona o sentido da palavra nutritivo. Susie explica que alimentos nutritivos ajudam as crianças a crescerem fortes e saudáveis. Gabriela e May demonstram os benefícios de ser forte e saudável. Geraldo pergunta que tipos de alimentos são nutritivos. Susie observa que essa pergunta é ótima e convida as crianças para irem ao superlaboratório conhecer quais são esses alimentos. Com referência à prática docente, podemos verificar que Susie não tem um roteiro de aula predefinido, ela vai explicando a temática conforme as crianças expõem suas dúvidas. Assim, de modo dialógico e coletivamente ocorre a construção do conhecimento, na interação aluno-aluno, professor-aluno.

O perfil da professora também se baseia na concepção da escola ideal contemporâneo. Susie se afasta do modelo de professor transmissor de conhecimentos para assumir a função de mediadora nas novas descobertas empreitadas por seus alunos. O foco da construção do saber se desloca do docente para as crianças que assumem o protagonismo na sala de aula. Entretanto, neste produto cultural, essa autonomia não está desvinculada da interação entre alunos e professor e entre aluno e colegas. Os sujeitos envolvidos na prática educativa de cada episódio interagem continuamente para que o questionamento inicial obtenha respostas.

No superlaboratório, a professora Susie pede que as crianças peguem suas lancheiras. Depois, ela pega um painel no qual estão os grupos de alimentos nutritivos, explica que uma alimentação nutritiva deve ter um pouco de alimento de cada grupo e afirma que nas lancheiras devem ter alimentos de todos os grupos. As crianças olham seus lanches e Sid observa que bolo não está entre exemplos de alimentos nutritivos do painel. Susie lhe explica que bolo não é um alimento nutritivo, que o pequeno cientista pode comer essa guloseima, porém, não todos os dias e em todas as refeições. Depois disso, a professora pede que as crianças separem os alimentos do lanche por grupo de alimentos nutritivos e, em seguida, façam um desenho de uma refeição nutritiva no caderno. Sid se dirige ao telespectador, convidando-o para participar desta atividade.

Nesta cena, a professora valoriza os conhecimentos prévios dos estudantes e suas experiências pessoais ao utilizar os lanches deles para ilustrar a experiência científica desenvolvida no superlaboratório. Com isso, além de trabalhar com a ideia de *prática contextualizada*, ou seja, com um processo educativo que considera “as necessidades afetivas, socioculturais e identitárias do grupo, para que as situações de aprendizagem sejam satisfatórias” (CAVALCANTE, 2014, p. 73), ela confere um papel ativo às crianças na construção de conhecimento, constroem com elas significações e ressignificações. Entretanto, a postura pedagógica da professora, o colorido da cena e o seu enredo perfeito não podem nos fazer esquecer que nem todas as crianças se alimentam antes de ir à escola. Poucas têm acesso a um lanche nutritivo, embora seja um direito de todas.

Neste momento, os personagens da animação infantil são substituídos por crianças reais que executam a tarefa solicitada pela Susie. Ela atua como interlocutora da cena, enquanto uma professora real orienta os estudantes. Quando os aprendizes acertam a professora os parabeniza, quando erram, ela os questiona com a frase “tem certeza que esse alimento pertence a esse grupo?”. Após o vídeo, Susie dispensa as crianças para que elas voltem para casa. Sid devolve-lhe a coroa e sai.

Assim, distanciando-se da realidade observada em muitas escolas públicas tradicionais, Susie, com apenas quatro alunos e uma superinfraestrutura escolar, incorpora um modo de ser educadora de crianças na faixa etária de Sid e seus colegas. Esse modo de ser profissional inclui características e habilidades peculiares para interagir com o público infantil. Entre várias habilidades, são ressaltadas o domínio do conteúdo ministrado, a criatividade, a disposição para ouvir as crianças, para brincar e construir novos conhecimentos em uma relação simétrica com elas. Tudo isso Susie faz com seus quatro alunos. Alguns os telespectadores infantis podem se questionar por que minha/meu professora/professora não faz assim? Os próprios professores podem se autoquestionar: o que posso levar desse modo de ensinar para minha prática? E os que trabalham (professores) ou estudam (estudantes) em contextos muito adversos desses os que pensarão?

Analisando a disparidade entre práticas de escolas contemporâneas, a exemplo da Escola da Ponte, e a escola pública brasileira, Charlot (2010, p.150) observa que “o professor tem práticas basicamente tradicionais porque a escola é feita para ter práticas tradicionais: tempo e espaço fragmentados, formas de distribuir os alunos de acordo com a sua idade e, sobretudo, avaliação individual que gera uma hierarquia”. Vale ressaltar que, nesta discussão, não trata de apontar culpados ou levantar justificativas de uma determinada situação, mas de

compreender fatores que fazem da escola de Sid um contexto propício para a atuação de um professor contemporâneo.

Na saída da escola, a vovó espera Sid para levá-lo para casa. Ele se senta no banco traseiro e canta “Eu vou sempre no banco de trás”. A vovó o parabeniza pelo aniversário e pergunta o que ele quer comer de especial no aniversário. O garoto responde que gostaria de comer somente bolo, todavia, agora quer uma refeição nutritiva. A vovó explica a Sid como as pessoas produziam seus alimentos antigamente. Ao chegar a casa, ele encontra a sala enfeitada com bolas de assopro. O pai o chama de rei do bolo e ele diz que, agora, não quer comer só bolo, quer uma refeição de aniversário bem nutritiva. Os pais de Sid presenteiam-o com um bolo enfeitado com um dinossauro de amora. O pai o convida a comer o dinossauro de amora antes e deixar o bolo para depois do jantar. Em seguida, na última cena do episódio, Sid está de pijamas em seu quarto e faz um resumo do que aprendeu durante o dia.

3.2.4 Episódio – Exercícios: representação da família

Na primeira cena, Sid está em seu quarto. Ele se apresenta ao telespectador e afirma que está tentando ficar parado para prática a melhor ideia que já teve durante a sua vida inteira. Essa ideia é colocar uma televisão no quarto e ficar o fim de semana todo assistindo ao programa “Super-cães”. O garoto, entretanto, lembra que os pais dele não iriam gostar dessa ideia e questiona o motivo pelo qual não poderia ficar em frente à TV, sem se movimentar por tanto tempo. Ouve-se a voz de Alice chamando o pequeno cientista para o café da manhã. Ele sai do quarto correndo e gritando “Café da manhã!”.

A estrutura da cena que será descrita a seguir, repete-se em vários episódios, variando a temática do episódio. O café da manhã é o momento em que Sid dialoga com os pais sobre seu questionamento sobre algum fenômeno científico. A intencionalidade do desenho animado é educar os pais para compartilhar com a escola a educação dos filhos. Nesse sentido, é importante observar que compartilhamento familiar que o produto cultural propõe aos seus telespectadores é padronizado? Há no desenvolver da cena do café da manhã padrões subjetivos de interações pais-e-filhos, de ser pai, de ser mãe, de como se deve receber a novidade da infância, parafraseando Larrosa (1998).

Na cozinha, Sid cumprimenta a mãe, o irmão Zack e o pai. Fala aos pais sobre ideia que teve de passar o final de semana inteiro assistindo à televisão. A mãe pergunta abismada, mas com um tom suave “Como é que é? O fim de semana todo?”. E explica ao filho, de modo carinhoso, que ele não pode fazer isso. O pai acrescenta que muita TV assim não nos faz bem,

pois seria cansativo para o corpo. Sid pergunta como poderia cansar se seu corpo nem se mexeria. O pai explica que o cansaço ocorre porque o corpo do menino precisa se movimentar. A mãe concorda com o pai e diz ao filho que a falta de movimento fará com que o corpo do menino fique igual a uma geleia. Os pais de Sid encenam exercícios físicos para demonstrar ao garoto a importância dessa atividade para o corpo. Ele comenta rindo com telespectador “Meus pais são engraçados”. Sua fala mostra que não houve atritos na resolução de conflitos de ideias entre pais e filhos. Depois afirma pensativo que deve haver alguma maneira para que ele possa assistir aos “Super-cães” o final de semana todo. Decide levar a questão para a escola para que, lá, os amigos possam ajudá-lo a solucionar essa questão.

Na cena, Mot e Alice desconstroem os argumentos do menino sem imposição, dialogando e dando exemplos práticos. Por conseguinte, podemos afirmar que o desenho animado aborda um modo de ser pai e mãe. Nessa representação, os comportamentos paterno e materno tradicionais, que muitas vezes, podam e calam a criança, são substituídos pelo diálogo e pela atenção aos desejos e inquietudes das crianças. Tanto Sid, quanto seu irmão, ainda bebê, têm o cuidado dos pais, que dialogam com eles constantemente. Ainda nessa relação pais e filhos, o “não” que o menino recebe nunca está restrito à frase “Por que não e pronto”; é sempre proveniente de uma reflexão na qual os pais exemplificam de modo prático as consequências negativas que algum desejo pode causar ao filho.

Outro aspecto importante diz respeito à representação do núcleo familiar nesse produto cultural. O modelo de família representado em *Sid, o cientista* é o que poderíamos definir como tradicional, isto é, o modelo de família “monogâmica, patriarcal e endogâmica, que predominou entre do início do século XIX a meados do XX no ocidente” (KEHIL, 2016, p. 1). Distantes dos padrões de famílias que existem na contemporaneidade cujas relações não são mais tão duradouras e a composição não apresenta mais esse perfil pai, mãe e filhos, Mot e Alice vivem numa harmonia contínua como se estivessem no “felizes para sempre dos contos de fada”. Pais dedicados não lhes faltam tempo para responder aos questionamentos do filho Sid, para fantasiar com ele quando é necessário e discordar sem autoritarismo.

Assim, a família do pequeno cientista configura um modelo ideal. Este, representado na literatura infantil e, principalmente, no cinema para crianças e famílias, encarna uma idealização contemporânea relacionada ao conceito de infância associada à proteção, direitos e realização dos pais em projeção aos filhos. Entretanto, em práticas sociais atuais, diferem da convivência real que temos nos lares contemporâneos, onde o uso de aparelhos tecnológicos, o tempo de trabalho fora de casa dos pais e outros fatores socioculturais e econômicos

afastam cada vez mais pais e filhos e diminuem a existência do diálogo e da convivência no contexto familiar.

Na escola, Susie, Gabriela, May e Sid estão sentados em forma de roda. Geraldo entra fazendo movimento de se abaixar e se levantar. Susie fala que ele está no elevador. O garoto desce de seu elevador imaginário e entra na roda. A professora pergunta quem tem alguma coisa para contar. Gabriela afirma que no parquinho eles estavam falando sobre exercícios físicos. Sid questiona por que temos que nos exercitar e conta seu plano de assistir ao programa “Super-cães” o final de semana inteiro. May comenta que será o melhor final de semana do mundo. Sid responde que também pensava assim, contudo seus pais não concordaram com o plano dele, pois a falta de movimento não seria benéfica para o corpo do menino. A professora afirma que os pais dele estão certos, porque se as crianças não se exercitarem, não ficarão saudáveis e fortes. Gabriela pergunta se a prática de exercícios faz bem para o corpo inteiro, até para os seus pés. Susie confirma e Geraldo fala que se exercitar é bom para os braços. A professora acrescenta que exercitar o corpo é bom até para o cérebro. Novamente, estudantes e professora expandem uma discussão que teve início no contexto familiar de Sid. Aqui a escola assume o papel de ampliar, cientificamente, a discussão empírica iniciada pelos pais com o garoto. Finalizando a cena, ela elogia as perguntas dos alunos e os convida para investigar mais sobre o tema no Superlaboratório externo no parquinho da escola. As crianças pulam felizes com a proposta da professora.

Enquanto a cena com crianças reais passa na tela, Susie explica que a investigação observará como o corpo se comporta antes e depois de praticarmos exercícios físicos. Primeiramente, as crianças verificam a frequência cardíaca, usando as mãos e também o estetoscópio, antes da atividade física. Em seguida, ela pede que as crianças reais mostrem para classe seu jeito favorito de se movimentar. Ao contrário das práticas homogêneas de educação física, restritas a jogo de futebol ou a queimado, o desenho propõe o respeito à individualidade e à diversidade da turma quanto à forma de exercitar o corpo. Depois, solicita que elas sintam seu coração novamente. Afirma que, agora, ele está batendo mais rápido. Comenta a variação de modo de se exercitar das crianças reais; aconselha um momento de descanso e a ingestão de água. Pede que as crianças se movimentem juntos e comenta que os corações de todos estão batendo mais rápido. Orienta que estudantes desenhem as observações no caderno dos alunos, demonstrando as maneiras diferentes de mexer o corpo e em como os corpos deles se sentiam antes e depois dos movimentos físicos.

Ao retornar para as personagens do desenho, que estão sentados a uma grande mesa redonda no pátio da escola, Susie pede que May mostre seu caderno. A menina mostra um

desenho dela arrancando matinhos no jardim do avô. E pergunta a professora se jardinagem é um bom exercício. Susie responde que sim e quando se faz o aquilo de que se gosta “é ainda melhor”. Susie pede que Sid mostre seu desenho. O menino fez uma representação de sua frequência cardíaca quando ele se movimentou. A professora explica que o coração dele estava se movimentado para distribuir sangue pelo corpo inteiro. Elogia os desenhos de todos os alunos e os dispensa para brincar com os novos aprendizados. Na próxima cena, as crianças dançam e Susie canta a música educativa:

Mexa o corpo, mexa tudo
 Mexa tudo o que tem
 Mexa o corpo, mexa tudo
 Pra sentir-se muito bem
 Quanto mais você se mexe
 Mais o cérebro anima
 Com toda a atividade
 Seu cérebro se agita
 O sangue leva oxigênio
 Deixa os músculos fortes
 Faz coração acelerar
 É hora de pular
 Mexa o corpo, mexa tudo
 Mexa tudo o que tem
 Mexa o corpo, mexa tudo
 Pra sentir-se muito bem
 Cada dia é mais fácil

Mexer-se um pouco mais
 Seu cérebro fica estimulado
 E prova que é capaz
 Então tire o pé do chão
 E comece a sequência
 Acoraje-se e se mexa
 Pra sentir a diferença
 Mas se você parar
 Tudo fica devagar
 Sua energia diminui
 Fica difícil pensar
 Então levante e se mexa
 Mexa o corpo, mexa tudo
 Mexa tudo o que tem
 Mexa o corpo, mexa tudo
 Pra sentir-se muito bem.

Enquanto Susie canta, um videoclipe, com dançarina e com várias cenas de pessoas praticando esportes e movimentos passa na tela do desenho aminado. Comparando a letra das músicas dos dois primeiros episódios (pulmões e estômago) cujos objetivos eram informá-las, tom apelativo com a música deste episódio cuja intenção é modificar o comportamento das crianças, notamos que esta tem um tom persuasivo bem forte, com uso de verbos no modo imperativo “Mexa o corpo, mexa tudo, mexa tudo o que tem”, ordenando ao telespectador infantil a fazer exercícios físicos, um discurso contraditório à ação dos produtos televisivos, já que a própria televisão é um dos fatores responsáveis pela inércia das crianças.

A avó de Sid vai buscá-lo na escola. Durante a viagem, Sid comenta com a avó que aprendeu tudo sobre exercícios. Ela responde que sabe tudo sobre esse tema e conta ao neto os exercícios que já praticou em fases diferentes de sua vida. Fazia dança quando era pequena. Quando o pai de Sid era pequeno, ela patinava com o filho. Com o crescimento do filho, ela passou a prática aeróbica, depois fez artes marciais e, agora, pratica exercícios mais leves como ioga e pilates para fortalecer os músculos. Prosseguindo a cena, o menino elogia a

avó para o telespectador e afirma que fará vários tipos de exercícios para ficar igual a ela. A fala dele reproduz o ideal de um aluno que absorve o que a escola ensina e deseja colocar esse saber em prática.

Com a avó, Sid aprende que, para cada fase do desenvolvimento humano, há uma atividade física recomendada, ou seja, ela ampliar aquilo que o menino aprendeu na escola. Por meio do discurso da Vovó, o desenho animado ensina às crianças que elas precisam fazer exercícios para ter uma velhice saudável. A Vovó, portanto, é membro da família de Sid que, assim como os pais, compartilha com a escola o dever de cuidar e de educar o menino. Em todos os episódios, é ela quem vai buscar o neto na escola, dispondo sempre de tempo livre para cuidar do neto, que nem sempre as vovós contemporâneas têm.

Ao chegar à sua casa, Sid canta e pula com um microfone na mão “Hoje eu aprendi uma coisa bem legal/ Eu sei tudo dela/ Ela é genial/ Eu sei tudo sobre exercícios!”. Entra em casa e diz “O cientista está em casa!”.

3.2.5 Episódio – Lavar as mãos: modos de ser criança

No início do episódio, Mot entra no quarto de Sid para avisar ao filho que o café da manhã já está na mesa. Quando começa a falar, espirra forte. Sid dá um pulinho para trás e pronuncia baixinho “Eca!” Quando o pai sai do quarto e espirra novamente, ele diz “Saúde pai”. O pai responde “Obrigado, Sid”. O menino comenta com o telespectador “O meu pai está gripado”. Ainda no quarto, Sid fala que a mãe e o pai vivem lhe dizendo que se ele não quiser pegar a gripe do pai deve lavar sempre as mãos antes das refeições, antes de ir dormir e após ir ao banheiro. O pequeno cientista pega o microfone e pergunta por que tem que ficar lavando as mãos, contestando um hábito cultural, conforme muitas crianças fazem em seus questionamentos. Por que tenho que dormir cedo? Por que não posso fazer isso?” Alice grita da cozinha “Sid, o café tá na mesa”. Sid chuta um pinguim inflável que tem em seu quarto e sai correndo. No corredor que dá acesso à cozinha, ele grita “Café da manhã”.

No final dessa cena, focalizamos a corrida e o grito de Sid. Esse comportamento é repetido em cinco episódios. Neles, o menino sempre sai para o café da manhã do quarto correndo e gritando. No entanto, Mot e Alice não repreendem o garoto, transmitindo para o telespectador deste produto cultural a ideia de que a criança deve ser um sujeito com liberdade de se movimentar e de se expressar.

Na cozinha, Sid cumprimenta a mãe e Zack. O pai espirra e lava as mãos. Sid lhe pergunta se ele está lavando as mãos para evitar que os outros membros da família fiquem

gripados também. O pai confirma e elogia o filho por este não ter esquecido o conselho de sempre lavar as mãos. O garoto estende a mão para o pai e fala “Toque aqui”. Em uma atitude de proteção ao filho, Alice os interrompe, afirmando “Ei, ei nada disso”. O pai afirma que ela está correta, pois como está espirando muito, as mãos dele estão com germes. Sid pergunta se os germes fazem as pessoas ficarem doentes. Mot confirma que sim. O filho comenta que está olhando as mãos do pai, mas não enxerga nenhum germe. A mãe chama Sid para mostrar, no computador, o microscópio eletrônico que permite a visualização dos germes. Sid descreve o microscópio como uma super, mega, baita lente de aumento que faz as coisas pequenas parecerem ser grandes. A mãe elogia a descrição feita pelo filho. Ele tem um início de espirro e a mãe fala “Espero que eu não esteja pegando a gripe do seu pai”. Sid responde “Eu também não”, vai para a mesa tomar café e afirma que investigará o assunto na escola.

O diálogo com os pais mostra a atual concepção de sujeito infantil que aprende e se desenvolve nas interações com adultos (no exemplo de Sid os pais, a avó e Susie) e também com outras crianças (os colegas da escola). É interessante observar que, embora se trate de um produto cultural produzido nos Estados Unidos, esse conceito de infância não seria desconhecido para os professores brasileiros que educam crianças até cinco anos, tendo em vista que ele é aplicado ao currículo da Educação Infantil (OLIVEIRA, 2010). Daí o hibridismo cultural a que se refere Canclini (1999). Obviamente, não discordamos da posição teórica de que as crianças aprendem nas interações com outros sujeitos de faixa etárias distintas, porém, fora do âmbito jurídico, há igualdade entre ser criança no contexto americano e crianças no território brasileiro?

Na escola, Susie, Gabriela, Sid e May estão sentados na roda, quando Geraldo entra fingindo ser um germe, ameaçando pegar os colegas no tom de brincadeira. Depois, ele se senta na roda. Geraldo se destaca nos episódios por entrar sempre na roda fazendo brincadeira, a professora o repreende por isso, pois seu perfil de educador compreende que o brincar é o meio de aprendizagem da criança. Por um lado, ao assistirem esse programa as crianças poderiam se perguntar: por que a tia Susie não fala para o Geraldo ficar quieto? Sentar na roda sem atrapalhar a aula? Por outro lado, dos quatro alunos da escola de Sid, apenas um faz isso. Qual comportamento o desenho valoriza, quietinho ou brincalhão? Por que as outras crianças também não entram na roda brincando?

Ainda com relação à mobilidade infantil, o reconhecimento de que as crianças não devem passar uma turno do dia sentadas, imóveis numa cadeira desconfortável, como acontece nas escolas tradicionais recebe destaque neste produto cultural. Na escola de Sid, as crianças “se livram das correntes da caverna multimilenar que os prendiam imóveis e

silenciosos no lugar [...]” (SERRES, 2013, p. 49). Livres para se movimentar, elas brincam no pátio antes da aula, se deslocam de uma área de aprendizagem para outra correndo e dançam com a professora a música educativa, em alguns episódios.

Na continuação a cena, Susie se levanta e fala que aposta que eles estavam conversando sobre germes. May confirma dizendo “– É dos germezinhas que deixam a gente doente”. Sid fala que a mãe dele lhe explicou que os germes são tão pequenos que não podemos vê-los só com os olhos. A professora afirma que os dois alunos estão certos e mostra para turma uma imagem ampliada do germe que causa gripe nas pessoas. As crianças ficam admiradas. Sid comenta “– O meu pai está gripado e falou pra eu não encostar nas mãos dele, pra eu pegar os germes que estão nelas”. Gabriela fica espantada e pergunta “Você pega os germes de uma pessoa só tocando nas mãos dela?” Susie afirma que sim e faz uma simulação com a turma. Pede que Geraldo finja que está gripado e espirre nas mãos. Depois, ele cumprimenta Sid. Este cumprimenta Susie. Ela cumprimenta May e a menina cumprimenta a colega Gabriela.

A professora explica que, depois dos cumprimentos, tocamos nossos próprios olhos, nosso nariz, nossa própria boca e os germes entram em nosso corpo. Pergunta às crianças “Quem está gripado agora?” Elas respondem “Todo mundo!” Susie explica, ainda, que, para evitar essa contaminação, devemos espirrar em um lenço ou se não tivermos o lenço, espirramos no braço e faz o gesto demonstrativo para as crianças. Todos simulam um espirro no braço. Ela pergunta à turma se alguém sabe qual é a melhor maneira de manter os germes afastados de nós. Gabriela afirma que é lavando as mãos com água e sabão. Susie elogia a resposta da menina. Geraldo pergunta se não pode limpar as mãos na calça. Susie responde ao menino que a pergunta dele é ótima e convida a turma a investigar a melhor maneira de lavar as mãos no Superlaboratório.

Retomando a relação criança-adulto, verificamos, nesta cena, que, semelhante aos pais de Sid, a interação de Susie com as crianças também educa a convivência dos adultos com os sujeitos infantis no espaço escolar. Em primeiro lugar, a professora mostra interesse pelas experiências deles. Depois, valoriza a curiosidade de Sid sobre o tema e a utiliza para ampliar o repertório cultural da turma. Para tanto, utiliza-se do faz de conta, uma maneira rica de as crianças aprenderem e compreenderem elementos da cultura, a exemplo do hábito de cuidar do corpo, de lavar as mãos. Em consonância com essa ideia, Kishimoto (2010) defende que as brincadeiras e as interações devem ser os principais eixos das práticas educativas das crianças, pois brincando e interagindo com os adultos e outros sujeitos infantis elas não só aprendem, mas também produzem um tipo de cultura específico, a cultura da infância.

Todavia, ao mostrar às crianças que na sala de aula há espaço para suas experiências e curiosidades, esse produto cultural constrói uma contradição. A pluralidade de interesses das crianças que, muitas vezes verificamos em sala de aula, é substituída por um ambiente homogêneo, no qual, diariamente, a curiosidade de Sid por algum fenômeno científico contagia também os seus colegas. Em todos os episódios que compõem nosso *corpus* de estudo, é sempre ele que define o tema a ser discutido na aula. Dessa forma, embora as outras crianças participem ativamente da discussão na roda, ao centrar a escolha do tema em um só personagem, o desenho infantil gera um silenciamento de suas vozes dos outros sujeitos.

No superlaboratório, as crianças se sentam à mesa meia lua e gritam “Superlaboratório! Investigue! Explore! Descubra!”. Susie explica que eles vão investigar a melhor forma de lavar as mãos. May acrescenta “E assim manter os germes longe”. Susie confirma a observação da menina. Explica que primeiro as crianças irão limpar as mão com toalha de papel. Em seguida, devem utilizar água norma e sabão. Geraldo fala que as mãos dele não estão sujas. Susie coloca uma bandeja com terra em cima da mesa e pede que as crianças esfreguem bem as mãos na terra. Limpem esses membros apenas com toalha de papel e usem as lentes de aumento para ver as sujeiras que ficaram nas mãos. Gabriela pergunta “Se as toalhas não funcionarem, vamos usar água e sabão?” Susie confirma “Isso mesmo” e orienta as crianças a começarem a atividade. Sid olha para o telespectador diz “Ei, você também é cientista, pode fazer isso também”.

As crianças reais aparecem na tela da animação, realizando a tarefa, sob a narração da professora Susie. Elas esfregam as mãos na terra. Limpam com toalhas de papel secas. Olham as mãos e parecem estar limpas. Depois, observam com as lentes de aumento que ainda há muita terra nas mãos. Lavam as mãos com água norma e sabão, secam com toalhas de papel e as observam com e sem as lentes de aumento. Por último, colocam as observações da atividade no caderno, demonstrando as mãos quando estavam sujas de terra e como elas ficaram após serem lavadas com água e sabão. Susie conclui a narração afirmando que lavar as mãos com água e sabão é a melhor maneira de mantê-las limpas e longe dos vermes.

O protagonismo infantil é destacado nas atividades que as crianças desenvolvem no Superlaboratório pela maneira como a cena foi produzida. As crianças parecem em destaque na tela fazendo as atividades, enquanto uma professora apenas os orienta em momentos específicos, nos quais o auxílio de um adulto é indispensável, entretanto essa professora não é a interlocutora oficial das crianças. Esse papel é desempenhado por Susie, que passa o roteiro do experimento tanto para as crianças reais do desenho animado quanto para os

telespectadores que aceitarem o convite de Sid “Ei você também é cientista, pode fazer isso também”.

Retornando para o Superlaboratório, ela pergunta quem gostaria de compartilhar as observações que fez no caderno. Gabriela mostra o seu desenho, no qual representou uma mão, com algumas sujeiras, que foi limpa com toalha de papel e outra totalmente limpa, que foi lavada com água e sabão. Susie parabeniza a menina e pede para ver o desenho de Sid. Ele mostra o desenho de duas mãos com lentes de aumento em cima delas, em uma representou as sujeiras deixadas pela terra e em outra, a limpeza feita com água e sabão. Susie elogia as observações do menino.

O comportamento das crianças, tanto no superlaboratório, quanto na sala de aula, explicita as expectativas da escola com relação aos estudantes: a disposição e o empenho contínuos para aprender. Sendo assim, a diversidade de identidades culturais entre os quatro alunos que a letra da música de Sid ressalta cessa neste espaço de aprendizagem. Todos estão sempre dispostos a realizar as atividades propostas por Susie. Todos terminam seus desenhos no mesmo intervalo de tempo. A atratividade de um ambiente escolar e das propostas pedagógicas organizadas pela professora é suficiente para motivar uma turma inteira?

Na cena seguinte, Sid já está dentro do carro com a avó. Ela pergunta ao neto como foi o dia dele. Ele afirma que foi muito legal, aprendeu tudo sobre os germes, que para deixá-los longe é preciso lavar as mãos com sabão e água. A vovó fala para Sid que, quando era pequena, leu sobre Ignaz Semmelweis (1818-1865), o cientista que descobriu que lavar as mãos nos ajuda a eliminar os germes e a não pegar gripe. Sid acha o nome do cientista engraçado e afirma que chamará seu urso panda de brinquedo assim. Dirige-se ao telespectador, comentando que sua avó é muito esperta, sabe de muitas coisas.

Ao chegar à calçada de casa, Sid canta com um microfone na mão “Hoje eu aprendi uma coisa bem legal/ Eu sei tudo dela/ Ela é genial/ Eu sei tudo sobre germes!”. Entra em casa, diz “O cientista está em casa!”. Desliga o microfone, ouvem-se sons de aplausos. Ele vai ao quintal, onde a mãe está trabalhando ao computador e o pai está brincando com Zack.

Conta aos pais o que aprendeu sobre os germes e que, conforme a mãe havia recomendado, é preciso lavar as mãos com água e sabão para evitar os germes. A mãe elogia o aprendizado do filho. Sid fala para os pais que aprendeu também como se deve espirrar no braço, para não contaminar as mãos, eles demonstram interesse em aprender com o filho. Com essa atitude, Mot e Alice ensinam ao telespectador que os adultos também podem aprender com as crianças e que estas devem ser escutadas. Sid pede que o pai imite o gesto do espirro no braço. Mot fala para o filho que já não está mais espirrando. Alice inicia o

espirro, Sid manda-a colocar o braço na frente do nariz. Comenta que o modo de espirrar da mãe é diferente do modo de espirrar do pai. Zack imita um espirro. Sid e o pai o elogia. Finalizando, o episódio, Sid conta para a mãe que sujou as mãos de terra no experimento da escola. Ela fica curiosa e lhe pede para explicar como foi atividade.

A cena educa as crianças no sentido de que a alegria de aprender é uma sensação que ultrapassa os muros da escola. Também ensina que o aprendizado desenvolvido nesse espaço tem utilidade imediata, quando Sid compartilha com os pais um modo novo de espirrar sem contaminar as mãos. Essa cena também tem uma finalidade persuasiva com referência à mudança de comportamento do público infantil que assiste a este episódio.

3.2.6 Episódio – Cuidando dos dentes: o poder persuasivo da linguagem audiovisual

O vídeo disponível no *Youtube* começa uma imagem estática, na qual, em primeiro plano Geraldo, Sid May e Gabriela seguram uma grande faixa, que contém o símbolo do produto cultural e a frase “Cuidando dos dentes”. Assim, a apresentação do tema deste episódio não ocorre a partir do diálogo de Sid com os telespectadores, mas por meio dessa faixa em linguagem escrita. No segundo plano, há o tapete e os assentos usados na roda que Susie faz com as crianças, armários, painéis de aviso e exposição de trabalho dos estudantes. Esses elementos indicam que as crianças já estão na sala de aula.

Na cena seguinte, sentada na roda com as crianças, a professora Susie, demonstrando com isso aproximação com turma, faz uso de termos da linguagem coloquial e pergunta aos alunos “E aí! Qual é o assunto de hoje?”. Gabriela levanta a mão e faz “Oh, oh, oh!”. A professora lhe passa a palavra e a menina responde “Os dentes, esse será o assunto”. May acrescenta “Sim! No parquinho, estávamos falando sobre os dentes”. E Sid faz a pergunta central do episódio: “Susie, eu sei que a gente tem que escovar os dentes. Mas, por que tem que escovar todos os dias?” Susie elogia a pergunta do garoto, levanta-se para pegar um desenho de uma arcada dentária afetada por uma cárie. A professora utiliza a imagem para explica às crianças que devemos escovar os dentes para evitar as cáries. Gabriela pergunta se cárie é um buraco no dente e Susie afirma que sim, também aproveita a pergunta da menina para acrescentar que esse problema é agravado pelo acúmulo de comida quando não escovamos os dentes. May questiona se a cárie dói e Susie responde que pode doer, porém os dentistas conseguem tratar o problema.

Figura 14 – Cena de abertura do episódio



Fonte: Sid, o cientista - Cuidando dos dentes

A interação entre as crianças e a professora acontece a partir de uma conversa informal, quase no tom de entrevista, as crianças perguntam e Susie responde. Isso facilita a compreensão do telespectador infantil acerca do tema abordado no episódio. Essa organização das falas das personagens sugere ainda que, naquele momento, a professora, representante da escola e do discurso científico, tem um conhecimento mais amplo dos cuidados relativos aos dentes do que a criança, conhecedoras do senso comum, já que ela assume uma posição semelhante à de “entrevistada”. Enfim, a entrevista afasta as práticas de linguagem na escola apresentada em *Sid, o cientista* do modelo de transmissão de conhecimentos e as aproxima da mediação dialógica, do compartilhamento de ideia entre alunos e professora.

Além dos argumentos verbais, este desenho animado também utiliza argumentos não verbais para convencer às crianças de que é importante escovar os dentes todos os dias, isto é, a seguir o padrão cultural.

Figura 15 – Imagem mostrada por Susie **Figura 16** – May surpresa com a imagem



Fonte: Sid, o cientista – Cuidando dos dentes



Fonte: Sid, o cientista – Cuidando dos dentes

A imagem 15 que ilustra a presença da cárie no dente, somada aos gestos de espanto dos alunos, imagem 16, exemplificam esse fato. Certamente, se Susie apenas falasse que não escovar os dentes, diariamente, pode causar cárie, não surtiria, nas crianças, o mesmo efeito que tem o fato de elas veem a imagem de um dente com uma mancha no meio. O argumento oral, portanto, é reforçado pelo visual.

Depois, se apresentado com exemplo desse padrão cultural, Susie conta às crianças que foi ao dentista no dia anterior à aula e constatou que não tinha nenhuma cárie porque cuida bem dos dentes dela. Geraldo argumenta que devemos cuidar bem dos nossos dentes porque eles ajudam na mastigação. Gabriela completa “E a triturar e a mascar”. A fala do menino, complementada pela da colega, justifica também, a partir da funcionalidade dos dentes, a importância de escová-los diariamente. Sid questiona como é que os dentes consegue realizar essas funções. Susie convida as crianças a irem para “Superlaboratório” investigar como os dentes mastigam e trituram os alimentos.

Quando chegam ao Superlaboratório, todos gritam “Superlaboratório! Investigue! Explore! Descubra!”. Susie afirma que vai chamar a investigação de hora dos dentes. Explica à turma que a melhor forma de ver como os dentes funcionam é observá-los e usá-los. May fala “Legal” e a turma toda gesticula os dentes “Nana!Nana!Nana!” A professora entrega um espelhinho odontológico às crianças e pede que observem os tipos de dentes que possuem. May brinca com o espelhinho. Susie continua explicando que, depois dessa observação, a turma usará os dentes para comer algumas delícias e perceber como eles funcionam. Ela coloca uma bandeja de frutas sobre a mesa. Neste momento, Sid se dirige ao telespectador, com a intenção de engajá-lo no experimento científico e fala “Ei você é cientista, pode fazer isso também!” e faz o gesto de chamamento com a mão.

Crianças reais aparecem na tela desenvolvendo as atividades de observação dos tipos de dentes. Para tanto, usam um espelho normais, marcando novamente a diferença estrutural entre o “Superlaboratório”, lugar idealizado, e os laboratórios reais da maioria das escolas públicas brasileiras. Na verificação da funcionalidade de cada tipo de dentes, mordem banana e cenoura e registram o aprendizado no caderno por meio de desenho. Todas essas ações são mediadas oralmente pela professora Susie. Em seguida, os personagens retornam à tela. Geraldo afirma que não sabia que tinha tantos dentes diferentes na boca. Susie confirma que sim, pede para que a turma mostre o que desenhou no caderno. Gabriela mostra seu desenho, representando como cada tipo de dente morde os alimentos, a professora a parabeniza. Sid também mostra o desenho que fez para ilustrar os formatos diferenciados dos dentes e conclui que esse formato pontudo do dente o ajuda na trituração dos alimentos.

Continuando, Susie confirma a suposição do menino, considera ótimas as observações dele. May acrescenta “Os dentes trabalha duro para triturar a comida”. Geraldo completa “É por isso que a gente tem que escovar os dentes todo dia! Não se preocupem dentes, eu vou cuidar muito bem de vocês” e exhibe os dentes. Nessa interlocução, há um deslocamento de foco de Susie para as crianças, elas, agora sozinhas, constroem conclusões acerca do tema examinado no superlaboratório. Essa tática discursiva procura validar a prática educativa da escola e demonstrar que a turma aprendeu o conteúdo. A partir da voz das crianças, o discurso apelativo sobre a importância de se escovar os dentes também se valida.

Susie, avaliando o nível de aprendizagem das crianças (especialistas) e recapitulando o que elas aprenderam na aula, afirma “Nossa! Eu estou impressionada com meus novos especialistas em dentes! Ela confere, ainda, uma finalidade prática a esses novos saberes”. “Já sabem muita coisa sobre os tipos diferentes de dentes e quais são as suas funções!” “Eu acho que é hora de irem brincar lá fora com suas novas ideias”. Nas sugestão de Susie, conhecimento científico se sobrepõe as outras formas de saberes nas brincadeiras da turma.

Na cena seguinte, Sid, Gabriela, Geraldo e May compartilham a frase “E agora é hora da tia Susie cantar” e todos justos afirmam “Vai Susie”. Susie canta uma música educativa sobre uma menina que nunca escovava os dentes.

A Marcela só enrolava
E os dentes não escovava
Escute, isso é pra valer
E pode acontecer com você
Sabe o que aconteceu com os dentes
dela?
Com os pobres dentes da Marcela?
Ela tomou refrigerante gostoso e
refrescante.
E o que é tem de mal?
Escute até o final!
A história sobre os dentes da Marcela
O que tem ela?
Bem!
Ela comeu doce, tomou soda
E os dentes não escovou!
Mas que horror!
E não passou o fio dental
Porque queria só brincar
E não viu nada de mal!
Se você não escova os dentes

E não passa o fio dental
Essa história tem um fim que não vai
legal!
Passe o fio dental!
E sabe o que ocorreu com a Marcela?
O quê?
Surgiu buraco no dente dela!
Oh não!
A comida que ela não tirou
A bactéria ajudou
Ai, meu Deus! Nossa!
E foi assim que a cárie se formou
Que horror!
Quer saber como anda a Marcela?
Eu quero!
Aprendeu e agora cuida bem dos
dentes dela
Que bom!
Usa todo dia a escova e o fio dental
E pode exibir seu sorriso afinal.

A música é apresentada em um videoclipe que relaciona várias semioses para produzir efeitos de sentido. À melodia cantada por Susie soma-se movimentos e expressões de

Marcela, uma menina com a cabeça humana grande e corpo minúsculo de personagem de desenho animado. Ao destacar a cabeça da garota, o desenho educativo foca a atenção dos telespectadores no problema discutido, o descuido com os dentes. Esse enfoque é reforçado por *flashes* nos dentes de Marcela atingidos pela cárie.

Figura 17 – Marcela sorrindo



Fonte: Sid, o cientista – Cuidando dos dentes

Figura 18 – Os dentes careados de Marcela



Fonte: Sid, o cientista – Cuidando dos dentes

A multimodalidade tem ainda um caráter lúdico, enfatizado por escovas e pasta dentais personificadas. Elas expressam tristeza cada vez que Marcela as ignora, fazem o vocal de apoio a Susie, tarefa dividida com um coral de recipientes de fio dental no verbo “Passe o fio dental”. As escovas e a pasta também têm a função de demonstrar espanto quando a professora fala que a menina não escovava os dentes.

Figura 19 – A escova e pasta tristes



Fonte: Sid, o cientista – Cuidando dos dentes

O enredo da música tem o tom dos ensinamentos das fábulas, na medida em que pretende intervir no comportamento do telespectador. Essa intencionalidade se torna explícita nestes versos “Se você não escova os dentes/ E não passa o fio dental/Essa história tem um

fim que não vai legal!/ Passe o fio dental!” O surgimento de buracos no dente, causado pela cárie seria o final infeliz, moralizante, para quem não seguir esse conselho. Entretanto, com os versos finais “Quer saber como anda a Marcela?/ Eu quero!/ Aprendeu e agora cuida bem dos dentes dela/ Que bom!/ Usa todo dia a escova e o fio dental/ E pode exibir seu sorrir afinal”, o enredo da música afasta-se dos desfechos da fábula para terminar com um final feliz. O final positivo na história da garota visa atingir não só as crianças que já escovam os dentes, mas também aquelas que não têm esse hábito e já desenvolveram a cárie.

Quando a dramatização termina, Geraldo fala que irá escovar os dentes e nunca terá cárie a exemplo de Marcela. May afirma que protegerá seus dentinhos da cárie. Gabriela e Sid dizem que farão o mesmo. Susie parabeniza as crianças por elas querem cuidar dos dentes e dá uma escova dental para cada uma delas. As falas das personagens demonstram que elas assimilaram a mensagem transmitida na letra da melodia. Para as crianças que assistem ao programa, essa adesão das personagens ao apelo da música contém um imperativo implícito: siga o exemplo de May, Geraldo, Sid e Gabriela, escove os dentes diariamente.

A estratégia do produto cultural em educar as crianças a partir do comportamento das personagens fundamenta-se no fato de que elas tendem a rerepresentar em suas brincadeiras, ou seja, na cultura lúdica, atitudes e ações de seus heróis preferidos, com prováveis modificações, tendo em vista que os sujeitos infantis não são receptores passivos dos elementos da cultura. Analisando a influência da televisão sobre os telespectadores, Belloni (2005, p. 40) argumenta que

as mensagens da telinha [...] agem por impregnação, de modo quase subliminar, pois o "conteúdo" é mascarado pela forma, por apelo comunicacionais muito eficazes, tais como alusões arquetípicas, situações humorísticas ou de grande dramaticidade, personagens vividos por galãs ou atrizes muito apreciadas.

No final da aula, a vovó pega Sid e Gabriela para levá-los para casa e pergunta “E ai meus amores, o que vocês aprenderam de legal hoje?” Sid pergunta se a vovó sabia que existem tipos de dentes diferentes, com funções diferentes. Gabriela completa o questionamento do amigo, dizendo que todo mundo tem que escovar e cuidar dos dentes. A vovó responde que sempre escova os dentes, porque se lembra da avó dela. Conta para as crianças que a avó dela tinha uns dentes lindos e perfeitos. Enquanto ela conversa com as crianças, aparece na tela uma boca sorridente cujos dentes têm essas características.

Figura 20 – Boca com dentes perfeitos



Fonte: Sid, o cientista – Cuidando dos dentes

A vovó continua contando que uma noite a viu limpando os dentes dentro de um copo, à imagem da boca se sucedem a de uma casa na paisagem noturna, com céu enluarado, semelhante a um cenário de conto de mistério, a de uma dentadura se movendo em um copo de água e também passeando pela tela, fora do copo, fazendo gestos de mordidas. Descobriu que os dentes da avó eram falsos, o dentista tinha feito uma dentadura para ela porque, na juventude, ela não cuidou dos dentes. Assim, eles apodreceram e caíram, fala ilustrada por uma imagem de uma escova e uma pasta formando o símbolo do “não”, usado em placas de trânsito e dentes despencando de uma gengiva.

Figura 21 – Símbolo do ‘não’



Fonte: Sid, o cientista – Cuidando dos dentes

Figura 22 – Genviva com dentes caindo



Fonte: Sid, o cientista – Cuidando dos dentes

A soma das duas imagens parece formar a metáfora ‘não escova os dente é ficar banguela’. Gabriela e Sid ficam espantados com a história e dizem que vão escovar os dentes várias vezes durante o dia. A vovó acalma as crianças, dizendo que os dentes delas são saudáveis, têm pasta de dente boa e pais para fazê-las escovarem os dentes, ressaltando a

proteção e o cuidado que os pais devem dispensar à saúde dos filhos. Sid se dirige ao telespectador e fala que a avó dele sabe de várias coisas importantes.

De acordo com Machado (1993, p.17), o vídeo é uma “arte da relação, do sentido e não simplesmente do olhar ou da ilusão”. Ao analisarmos algumas relações presentes na construção deste episódio, percebemos que o enredo narrado pela vovó de Sid completa os efeitos de sentido que se pretende produzir com a música sobre os dentes de Marcela. Isso porque a história da bisavó de Sid poderia ocorrer com Marcela, se a menina não tivesse aprendido a cuidar dos dentes. Por conseguinte, com multissemiões mais enfáticas (dentadura se movendo dentro de corpo e dentes podres caindo da gengiva), o desenho pode atingir o público que ainda não se convenceu com os argumentos daquela melodia de que é essencial escovar os dentes diariamente.

Na calçada da casa de Sid, ele e Gabriela cantam “Hoje eu aprendi uma coisa bem legal/Eu sei tudo dela/Ela é genial/Eu sei tudo sobre dentes!”. Quando entram em casa, pronunciam, juntos, a frase “Dois especialistas em dente em casa!”. Sid e Gabriela almoçam, enquanto a vovó lava louças. Um pedaço de salsão fica preso no dente de e outro no de Gabriela. A vovó orienta as crianças a escovarem os dentes. Elas pegam as escovas novas que ganharam da professora e dirigem ao banheiro. A vovó recomenda o uso da pasta de dente, porém de modo moderado. Sid e Gabriela escovam os dentes e depois cantam

Escova, escova os dentes
E passe o fio dental
Escova, escova os dentes
Porque isso é bem legal.
(A vovó completa)
Escova, escova os dentes do começo ao fim
Escova os dentes todo dia, depois vem rir pra mim!

Sid responde a vovó que irá mesmo. Finalizando o episódio, ela pede um abraço às crianças. Além de mostrar a aplicação do conhecimento teórico no cotidiano das crianças, a cena também completa, com a música de caráter injuntivo, o aprendizado telespectadores sobre o cuidado com os dentes. Agora, o conteúdo da música ensina a maneira de colocar em prática o hábito aprendido. Não basta somente escovar, mas tem que se fazer isso diariamente, complementando a limpeza com o uso do fio dental. O conteúdo, portanto, reforça comportamentos culturais ao ensinar as crianças a cuidar de si, de modo autônomo.

No que se refere à recepção e compreensão das mensagens veiculadas neste desenho aminado, observamos que essa multiplicidade de linguagens requisita dos telespectadores infantis, ainda em fase de alfabetização, além do domínio da linguagem oral,

multiletramentos, conforme defende Rojo (2013), uma vez que eles precisam reunir imagens visuais, sons, movimentos, cores e animação para construir sentidos a partir daquilo que veem na tela. Portanto, consumidoras assíduas deste tipo de produto cultural, as crianças vivenciam, em processos de educação não formais, experiências no uso da linguagem diferenciadas daquelas que predominam no currículo das escolas tradicionais. Desta forma, o conteúdo escolar, recorrentes em livros didáticos e práticas escolares é ressignificado no desenho animado em múltiplas linguagens.

Por último, a finalidade de entreter o público alvo também está garantida em *Sid, o cientista* por um conjunto de elementos que podemos observar neste e nos episódios analisados anteriormente. Entre esses elementos, destacamos a descontração com que os personagens abordam os fenômenos científicos, as ilustrações das cenas narrativas e os videoclipes das músicas cantadas por Susie. O conjunto desses elementos parece nos instigar a pensar o quanto aprendemos, sobretudo na infância, por meio da diversão e do entretenimento. O quanto que a máxima medieval, Santo Agostiniana, de que se aprende pelo sofrimento, não cabe na contemporaneidade ou mesmo que talvez nunca tenha cabido verdadeiramente no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dessas análises, podemos observar que o produto cultural aborda uma concepção contemporânea de infância. Nesta concepção, as crianças são sujeitos de direitos e produtoras ativas de cultura. A partir desses parâmetros, o desenho animado utiliza uma pedagogia cultural, baseada na curiosidade da criança e no entretenimento para educar o seu público infantil e prepará-lo para conviver em sociedade. Sendo assim, esse público carece de cuidados e vivências próprios desta fase e de práticas educativas que garantam a florescimento do adulto que nele foi projetado.

Essas práticas educativas pressupõem um modelo de escola que também está delineada nos episódios do programa. Como vimos, essa instituição escolar reconhece as crianças enquanto sujeitos de direitos e produtores de cultura ao considerar os interesses delas em detrimento dos currículos engessados, previstos por leis educacionais. E, ainda na qual, a professora media os processos de aprendizagens ao invés de transmitir conhecimentos prontos. Estas ideias são bastante passíveis de serem transferidas para as escolas reais. Todavia, não podemos desconsiderar, especialmente no caso do Brasil, que há fatores sociais, políticos, econômicos, instrumentais e pedagógicos que interferem na aprendizagem das crianças, que este produto cultural ignora.

Dentre os fatores sociais, destacamos o papel da família no processo de educação das crianças. Nesse sentido, por um lado o desenho animado educa tanto os filhos quanto os pais quando enfatiza a importância destes na educação daqueles. Isso é um fator bastante positivo. Por outro lado, promove um jeito de ser família, tradicional, unida, que é cada vez mais rara nas sociedades contemporâneas. A ênfase em configuração e estruturação de um núcleo familiar que já não existe na maioria dos lares brasileiros não deixa de ser uma forma de educar os futuros adultos para resgatar esse modelo de convivência social.

Com relação aos fatores físicos, o desenho nos leva a refletir sobre infraestrutura de muitas escolas públicas brasileiras. Talvez existam muitas “Susies” adormecidas dentro de educadoras que atuam na educação infantil e Ensino Fundamental I espalhadas pelos sistemas públicos de ensino. Entretanto, faltam-lhes condições materiais para desenvolver atividades que promovam o desenvolvimento pleno de seus alunos, assim como, falta-lhes acesso a produtos culturais dos mais diversos devido à fragilidade de suas formações básica e continuada e, sobretudo, pelos baixos salários e grande jornada de trabalho. São raras as escolas públicas que têm áreas recreativas para as crianças, conforme o modelo apresentado em *Sid, o cientista*. Seria o superlaboratório um espaço imaginário para a realidade da

educação pública? Trabalhando em espaços minúsculos e com vinte alunos, em média, entre outras coisas, as professoras e os professores do mundo real podem aprender com Susie o desejo de conceder aos sujeitos infantis o direito de ser criança, de ter um aprendizado significativo e prazeroso, considerando o interesse deles e o compartilhamento de vozes em sala de aula.

Contudo, se as escolas reais não têm a estrutura física apresentada na escola idealizada, igual ao desenho animado, elas podem aprender a lidar de outra maneira com as crianças, dando-lhes meios para o desenvolvimento da autonomia; trocando o currículo engessado, centrado na cultura considerada erudita pelas questões e pelas culturas locais compartilhando, efetivamente, com os pais a tarefa de desenvolver ações educativas para as crianças. Em síntese, os discursos veiculados em *Sid, o cientista* ensinam para as escolas reais que os contextos de vivências de seus estudantes e os ambientes escolares não são territórios distantes. Ignorar as relações existentes entre ambos é tornar a aprendizagem das crianças desprovida de sentido.

Além disso, os profissionais que compõem as escolas poderiam desenvolver outra concepção de infância, na qual as crianças tenham liberdade de movimento, isto é, não passem, diariamente, cinco horas “imóveis” em cadeiras enfileiradas. Ou seja, que como em *Sid, o cientista* as crianças sejam protagonistas das suas aprendizagens. E, portanto, não sejam consideradas apenas receptoras dos conhecimentos produzidos pelas gerações anteriores ou seres homogêneos com desejos, comportamentos e interesses iguais. Muitas escolas, com isso, abandonariam o modelo educacional de ‘produção em série’ para contribuir com a educação que reconhece e acolhe a diversidade identidade e subjetividades que circulam em seu contexto.

Professoras e professores, diretoras e diretores, coordenadoras e coordenadores, supervisoras e supervisores, secretárias e secretários de educação, portanto, os profissionais da educação que materializam a escola podem a partir dos discursos de *Sid, o cientista* despertarem o desejo de educar as crianças não para que elas sejam, conforme observou o filósofo alemão Nietzsche, sujeitos com instintos de tartaruga, que, ao primeiro indício de perigo, escondem-se dentro do casco, deixam-se vencer pelo medo. Ao contrário disso, os espaços escolares e os seus educadoras e educadores desejarão contribuir para que as crianças tenham o outro instinto proposto pelo filósofo, o instinto de águia, que permite que os sujeitos alcem voos altos, agucem o olhar e saibam enfrentar com altivez dos perigos.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. **Educação e emancipação**. São Paulo, Paz e Terra, 1995, p. 77-80.
- ALMEIDA, Milton José de. **Imagens e sons: a nova cultura oral**. São Paulo: Cortez, 2004.
- ANDRADE, Paula Deporte de Pedagogias culturais em ação: a formação da infância nos anúncios publicitários da revista veja. In: XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP, 16, 2012, Campinas-SP. **Anais...**Campinas-SP 2012.
- ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.
- AYRES, Melina de La Barrera; RIAL, Carmen Silvia. Criando pontes: aplicando na comunicação um método antropológico – o caso da publicidade da Sky e suas representações de família. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 15, 2014, Palhoça-SC. **Anais...** Palhoça - SC, 2014.
- BELLONI, Maria Luiza. **O que é Mídia-Educação?** Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- CANCLINI, Néstor García, (1995). **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999.
- _____. **Leitores, espectadores e internautas**. Tradução Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- CAVALCANTE, Andrea Pinheiro Paiva. **Multiletramentos mediados pelo computador em sala de aula: a perspectiva das culturas juvenis em fluxo**. 2014. 336 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.
- CHARLOT, Bernard. Desafios da educação na contemporaneidade: reflexões de um pesquisador. 2010. São Paulo: **Revista Educação e Pesquisa**, v. 36, n. especial, p. 147-161. Entrevista concedida a Teresa Cristina Rego; Lucia Emilia Nuevo Barreto Bruno.
- COELHO, Teixeira. **O que é indústria Cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- CONH, Clarice. **Antropologia da Criança**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação** [online], n.23, p.36-61, Maio/Ago/2003. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782003000200004>>. Acesso em: 15 jan. 2015.
- COUTINHO, Laura Maria. **Audiovisuais: arte, técnica e linguagem**. Brasília: Universidade de Brasília, 2006.

FORNEIRO, Lima Iglesias. A organização dos espaços na Educação Infantil. In: ZABALZA, Miguel Angel. **Qualidade em Educação infantil**. Tradução Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1998. P. 229-281

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GINSBURG, Faye. Não necessariamente o filme etnográfico: traçando um futuro para a antropologia virtual. In: ECKERT, Cornelia; MONTE-MÓR, Patrícia (Orgs). **Imagem em foco: novas perspectivas em antropologia**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

GIROUX, A. Henry. **Atos Impuros: a política dos estudos culturais**. Trad. Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2003.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. **Desafios brasileiros na era de gigantes**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, nº 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HALL, R. H. **Organizações: estrutura e processos**. 3 ed. São Paulo: Prentice Hall, 1984.

HARVEY, David. A arte de lucrar: globalização, monopólio e exploração da cultura. In: MORRES, Denis de (Org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

HERCOVICI, Alain. **Economia da Cultura e da Comunicação: elementos para uma análise socioeconômica da cultura no capitalismo avançado**. Vitória: Editora da Fundação Ceciliano Abel de Almeida - UEES, 1995.

JESUS, Vanessa Mendonça. **A representação do professor na telenovela “Carrossel”**. 2014. 61 f. Monografia de Conclusão de Curso. (Curso de Pedagogia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

KISHIMOTO, Tuziko Morchida. Brinquedos e brincadeiras na educação infantil. In: Seminário Nacional: Currículo em movimento – Perspectivas atuais, 1, 2010, Belo Horizonte. **Anais...**Belo Horizonte, 2010.

KLEIN, Madalena. **Literatura infantil e produção de sentidos sobre as diferenças: práticas discursivas nas histórias infantis e nos espaços escolares**. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pp/v21n1/v21n1a12.pdf>> Acesso em: 17 nov. 2014.

LARROSA, Jorge. O enigma da infância ou o que vai do impossível ao verdadeiro. In: _____; LARA, Nuria Perez de. **Imagens do outro**. Trad. de Celso Márcio Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 67-96.

MACHADO, Arlindo. **O vídeo e a sua linguagem**. Revista USP, São Paulo, n. 16, p. 6-17, 1993.

MASSAROLO, João Carlos; MESQUITA, Dario. **Narrativa transmídia e a educação: panorama e perspectivas**. Disponível em: <[http:// www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/](http://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/)> . Acesso em 15 nov. 2014.

MCQUAIL, Denis. **Teoria da comunicação de massas**. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

MELO, Aísha Kaderrah Dantas de. **A representação da educação escolar no Jornal Nacional: algumas leituras possíveis**. 2011. 94 f. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

MÔNEGO, Jozéli da Rosa. **Fiéis, IURD e Mídia: A representação da identidade do seguidor iurdiano através de um programa audiovisual**. 2010. 93 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais). Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em<[http:// w3.ufsm.br/csociais/arquivos/tcc/jozeli.pdf](http://w3.ufsm.br/csociais/arquivos/tcc/jozeli.pdf)> Acesso em 15 dez. 2014.

MORAN, José. As mídias na educação. In: _____ **Desafios na comunicação Pessoal**. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 162-166.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do (Orgs). **Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura organização do documento**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

_____; SILVA, Tomaz Tadeu (Orgs). **Currículo, cultura e sociedade**. Tradução de Maria Aparecida Baptista. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

NEW LONDON GROUP. **A Pedagogy of multiliteracies: designing social futures**. Harvard Educational Review, v. 66, p. 60-92, 1996.

OLIVEIRA, José Mário Aleluia. Currículos nômades: agenciamentos, imaginações, hipertextos na produção da revista audiovisual “dia a dia da alegria”. Revista **Ensino em Revista**, Uberlândia MG, n. 16(1), p. 181-199, jan./dez. 2009.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos. O Currículo da educação infantil: o que propõem as novas diretrizes nacionais? In: Seminário Nacional: Currículo em movimento – Perspectivas atuais, 1, 2010, Belo Horizonte. **Anais...**Belo Horizonte, 2010.

PROUT, Alan. Reconsiderando a nova pedagogia da infância. Trad. Fátima Murad. **Cadernos de Pesquisa**, v.40, n.141, p.729-750, set./dez. 2010.

RAMOS, Viviane Rodrigues Darif saldanhas de Almeida. **Infancias marcadas pela branquidade: uma análise de conteúdo dos programas infantis da rede globo de televisão entre 1986 e 2011**. 2012. 95 f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) - Faculdade de Ciências, Letras e Filosofia da Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2012.

ROJO, Roxane Helena R. Pedagogia dos multiletramentos. In: ROJO, Roxane Helena R.; MOURA, Eduardo (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.p. 11-31

_____. **Letramentos múltiplos na escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

RIAL, Carmen. Antropologia e mídia: breve panorama das teorias de comunicação. **Revista Antropologia em primeira mão.** Florianópolis: Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, 2004, Vol.74, p.4-67.

SAVIANI, Dermeval. **Concepção Pedagógica Tradicional.** Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_concepcao_pedagogica_tradicional.htm>. Acesso em: 19 mai 2016.

SANTAELLA, Lúcia. O que é cultura. In: **Culturas e artes do pós-humano:** das culturas das mídias à cybercultura. São Paulo: Paulus, 2003, p. 29-49.

SERRES, Michel. **Polegarzinha.** Trad.: Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SID, o cientista - Pulmões. Produção: The Jim Henson Company e KCET/Los Angeles. Estados Unidos, 2008. 22 min. 01 seg. Son., color Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=o3K_XKf7Pds>. Acesso em jan. de 2016.

SID, o cientista - Alimentação saudável. Produção: The Jim Henson Company e KCET/Los Angeles. Estados Unidos, 2008. 11 min. 23 seg. Son., color. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=Q-K0KyBBkpl>>. Acesso em jan. de 2016.

SID, o cientista - Cuidando dos dentes. Produção: The Jim Henson Company e KCET/Los Angeles. Estados Unidos, 2008. 12 min. 12 seg. Son., color. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=dppPqQ7fimo>>. Acesso em jan. de 2016.

SID, o cientista - Estômago. Produção: The Jim Henson Company e KCET/Los Angeles. Estados Unidos, 2008. 22 min. 01 seg. Son., color. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=dFkJxpgk9lA>>. Acesso em jan. de 2016.

SID, o cientista - Exercícios. Produção: The Jim Henson Company e KCET/Los Angeles. Estados Unidos, 2008. 11 min. 38 seg. Son., color. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=bAgyIecglYw>>. Acesso em jan. de 2016.

SID, o cientista - Lavar as mãos. Produção: The Jim Henson Company e KCET/Los Angeles. Estados Unidos, 2008. 12 min. 12 seg. Son., color. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=WD7VLof7H4A>>. Acesso em jan. de 2016.

SILVA, Aurio Lucio Leocardio. **Consumo de produtos culturais em São Paulo: análise dos fatores antecedentes e proposta de modelo.** 224 p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Paulo, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade:** uma introdução às teorias do currículo. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013

_____. **Teoria Cultural e Educação:** Um vocabulário Crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SILVEIRA, Fernando G.; SERVO, Luciana M. S.; MENEZEZ, Tatiane; PIOLA, Sérgio F. **Gasto e consumo das famílias brasileiras contemporâneas**. Instituto de Pesquisa Econômica aplicada, Brasília, IPEA, 2007.

XAVIER, Ismail. **O olhar e a cena**: melodrama, Hollywood, cinema nova, Nelson Rodrigues. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.